COELHO NETTO

RHAPSODIAS

> Ce sont icy mes fantasies, par lesquelles je ne tasche point de donner a cognoistre les choses, mais moy...
>
> MONTAIGNE.

Rio de Janeiro

Imprensa LOMBAERTS, MARC FERREZ & Comp.

7, Rua dos Ourives, 7

1891

A'

MINHA MULHER

INDICE

A Forma.. 1
Pombos viajantes.............................. 13
A nau.. 17
A mais feliz das tres.......................... 23
A salamandra. 25
Estrellas...................................... 29
A mina... 33
Primitivos..................................... 39
Innocencia..................................... 45
Selemnus....................................... 49
No horto....................................... 53
Fora do paraiso................................ 57
Buena-dicha.................................... 67
Sirynx-o-ideal................................. 71
Adagio... 75
O fogo sagrado................................. 83
Pastoral....................................... 89
Jesus de Nazareth. 95
Para o inverno................................. 99
Lagrimas de noiva.............................. 109
Fructos do ceu................................. 113
Soror Fabia.................................... 119
A perola....................................... 125

Christo em Capharnaum.......................... 129
Edelweiss.................................... 133
Prisioneiro.................................. 135
A sentença................................... 141
O espelho de Brigantium...................... 145
Zahuri....................................... 149
O baptismo................................... 161
O mineiro 165
A cegonha 169

A FORMA

Por ella o meu sangue, toda minh'alma para resguardal-a—é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal—a Forma.

Para mim ella é a synthese, a concretisação de tudo que é bello, de tudo que é puro, de tudo que é grande.

Teve o seu berço no Paraizo—foi feita de luz como todos os astros e creada tornou-se o modelo de todas as obras primas que têm sahido do altissimo *atelier* onde Deus trabalha a millenios.

A' noite, quando o ceu constellado lembra uma enorme palheta suspensa um artista invisivel labora no espaço — é a discipula do Creador, é a espiritualidade sonora, é a Forma que dá feição, contorna e burila as cousas d'este baixo mundo. Ella, luz como é, tem como todo clarão o dom da ubiquidade — trabalha, tanto no corpo da flor como no esconso labyrintho subterraneo onde a luz de pedra, o diamante, accende-se. Palpita em tudo — na luz impalpavel — foi ella que fez as aureolas e os halos; as miragens são debuxos seus nos desertos calados — tinta, o sol, unicamente o sol; nas hervas, ella é que veste os bravios espinhaes de botões, ella é que corôa de flores os troncos centenarios fazendo pensar, quando a gente os encontra, nos velhos satyros exhauridos mas, sempre com os vistosos pampanos á fronte e torsaes de rosas nos quadris. Ella é que torna serenas as noites, ella é que as torna tempestuosas. D'ahi uma diversidade de estylos de noites.

As noites de crescente — o ceu parece um brazão do outono: — em campo azul estrellas como espigas e no meio a foice de ceifar cahida. — Forma primitiva das pastoraes. A impressão que nos deixa uma d'essas noites é toda de doçura; parece, ás vezes, que se está a ouvir um bando de harpas distantes soando em concerto, de repente, porém, espirra uma estrella alastrando de luz o ceu penumbrado — é como se um homem do campo jogasse o laço claro ao armento para prender pelas aspas um touro rebelde.

Vêm á imaginação as bucolicas antigas — é a Forma lyrica no espaço.

Tempo do plenilunio — noites romanticas. A Forma amenisa, uniformisa tudo espalhando, conjunctamente com o pallor da lua uma tal ou qual sonoridade que a gente não sabe bem se desce das estrellas ou se sobe da terra concentrada.

Têm-se durante essas noites a impressão de uma leitura mansa, alguma cousa

como uma ballada tirando ao genero de Uhland, o delicioso.

Resta uma referencia—a derradeira.

Nas espessas noites sem luz, noites opacas, feitas para feriado das estrellas, restos de cháos, lembranças da primitiva sombra, a Forma deixa o buril com que rendilha Athaïr, a igual ao sol, toma proporções titanicas e, como no tempo da gigantomachia, põe-se a amontoar cirrus sobre cirrus, cumulus sobre cumulus. Vê-se, de quando em quando, o flammante cinzel do fulmen desbastar uma nuvem, os ventos levam de roldão em roldão as ampolas escuras; ruge, estrepita, estronda a clarinada dos trovões longinquos, ha uma concentração primeiro, subito tudo explode n'um formidando embate rispido—é a tormenta, a Forma epica da noite.

Era por essas occasiões que os guerreiros germanicos viam passar, malhando com o camartello Thor, o aereo, Thor, o deus das Trovoadas, galgando nuvens com a cabelleira solta, rangendo

os dentes e arrancando ao espaço, a cada martellada, fagulhas vermelhas de coriscos.

✲

A Forma incumbe-se da harmonia e, quanto aprendem n'esse livro hieratico os que contemplam o ceu, os que se voltam para o alto de onde desce tudo, de onde tudo emana!

A Forma está no meio ambiente — nós sentimol-a como sentimos o perfume, ella é que nos tonifica a alma, ella é que nos depura a imaginação.

Para tel-a é mister que a revelemos com o auxilio de todas as nossas forças espirituaes. A pouco e pouco vamos vendo os seus traços — ora em um periodo: — é já uma volta, é já uma transposição, uma palavra que entra, um termo que nos apparece — é a musica, é a harmonia, é a sonoridade, é o rythmo.

E' na tela onde apenas o debuxo existe — a linha avigora-se ou esgarça-se, appa-

rece a *nuança*, joga aqui um colorido contrastando com outro, afinam-se as tintas, combinam-se os tons, desenvolve-se a perspectiva, a sombra oppõe-se á claridade— a luz alastra por aqui larga e ardentissima, alli uma penumbra abafa o ramo, esconde o grupo, vela cantos de ceu e cantos de matizes e tudo se converte pela força superior da Forma que é o ultimo avatar da Arte.

Na esculptura—deve-se-lhe a expressão externa que é a ficção da vida, deve-se-lhe a *pose*, deve-se-lhe a desenvoltura—a vida da pedra, o que parece fazel-a sentir, mover-se, estar a descer do pedestal ou para entrar na communhão dos homens ou para subir para o seu lugar no ceu. Tudo é devido á Forma: *Venus* e *Moysés*, *Perseu* e o *Centauro*, o *Juizo Final* e a *Conceição*, a *Divina Comedia* e as *Georgicas*, *Hamlet* e as *Contemplações*—são expressões da Forma em suas diversas manifestações.

✡

O seu culto nasceu com o primeiro olhar do homem. Solto na bravia natureza, cercado de colossos, os montes verdes, os vegetaes extravagantes, desde o baobab frondoso, a tenda natural das caravanas, até o feto, a *guipure* do campo, o barbaro começou a examinar o seu dote. Aqui eram as arterias dos rios fugindo, a cantar, por entre as fraguas e as veias dos corregos suaves, alli pontas de rochas escabrosas, núas como ossarias escarnadas, o ceu por cima e, n'uma fuga constante, nuvens itinerando e, entre azul e verde, de um para outro lado, como tintas canoras, passaros fugindo; os insectos, pingos de colorido vivos, descendo pelas hastes e as teias de aranhas, como pequeninas redes, rutilando ao sol entre os galhos torcidos.

Mais adiante a flor—elle começou a admiral-a — havia na diminuta maravilha alguma cousa de igual á estrella, elle não sabia bem que era, sentia-o, entretanto. A estrella era feita de claridade e desabotoava luminosamente, a flor era feita de

aroma e desabotoava balsaminca, ambas nasciam á noite, ambas tinham arestas: — uma constellação lembra um rosal carregado e, foi de tal sorte a impressão que teve o barbaro que em sua alma, de certo, surgiu esta interrogação : — Como não tem luz a flor ? Como não tem perfume a estrella ? E começou a adoração da Forma — tanto os olhos queriam a estrella-flor como procuravam pela flor-estrella — era o fetichismo artistico.

O mar depois, o grande mar variavel — como o barbaro sentiu-o !

Vista de longe, á hora cálida do sol, a immensidade estuante dava a idéa de uma folha enormissima de *caladium* manchada, aqui de pollen de ouro, alli côr de aço polido, verde na maior parte e salpicada de azul como se um pulverisador espalhasse pela superficie das aguas trechos da formosa abobada cyanica.

A' noite confundia-se com a sombra, salvo se a lua vinha dispertal-o para argentar-lhe as vagas e as espumas com

os canutilhos brilhantes dos seus raios.

A Forma triumphava — tudo era simples trabalho d'ella.

Deus fez o mundo em seis dias, no setimo a Forma começou a brunil-o.

E foi ella, a espiritualidade activa que entra pela alma e conta-lhe no intimo que armou o primeiro homem contra a besta, não para saciar a fome mas para roubar a pelle bariolada — a primeira capa que aqueceu e ornou as espaduas humanas — era a victoria do Bello. O desejo de enfeitar-se fez do barbaro um inimigo terrivel, e começou a guerra aos passaros para a conquista das plumas e aos animalejos para a posse do arminho. A mulher, querendo acompanhar a natureza, teceu a primeira capella de flores e cobriu-se de rozas como as collinas, mal o inverno vai e a primavera chega.

A Forma poetica, a Forma litteraria, teve tambem o seu periodo barbaro — a musica foi a sua primeira manifestação — d'ella nasceu o rythmo.

☆

O cerebro é uma especie de gruta fechada, hermeticamente fechada. A imaginação é como uma gotta perenne, sempre a cahir no solo da caverna, sonora e brilhante.

A' proporção que o periodo estellicida uma stalagmite vai se levantando, faz-se uma pyramide. O artista sente-a dentro de si, sente-lhe o peso, sente-a crescer aos poucos, lentamente e, quando a tem por prompta com um esforço arranca-a como se arranca um galho de coral e leva-a ao coração. Ella ahi se aninha, ella ahi se aquece,embebe-se no sentimento e a bruta stalagmite começa a palpitar, move-se, illumina-se, torna-se em pouco um corpo animado.

E sae do coração como saem dos cadinhos os metaes depurados. Torna-se então mister a Forma.

Antigamente, com um pouco de trabalho desde que tivesse alguma *semelhança* com

a idéa estava prompta a obra d'arte, cuidava-se mais de conservar a materia prima — que tivesse muito sentimento era o que se queria — a idéa vinha apenas desbastada.

Hoje, porém, o bloco passa por um milhar de processos.

O artista desaresta-o, lima-o, burila-o, leva-o á alma, tral-o, examina-o attentamente e torna á faina. Aqui alisa, alli preenche, fica horas e horas em um ponto; afina, retoca, symetrisa e, quando tem prompta a stalagmite ella é uma filigrana — mas, atravez do rendilhado vê-se todo o sentimento, vê-se toda a alma como atravez de uma redoma vê-se a imagem de uma santa.

Depois desse trabalho fatigante, depois desse sacrificio á Forma o artista recolhe-se admirando o seu lavor, mas, subito sente no cerebro a queda de uma gotta, de outra, de outra... pára, é uma nova idéa que se cria, é uma nova stalagmite que se põe de pé.

È elle lá vai de novo ao torculo e a Forma, especie de torno ideal,começa a limar, a polir com um ruido sonoro que é a musica dos periodos.

Por ella o meu sangue, todo a minha alma para resguardal-a—é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal—a Forma.

POMBOS VIAJANTES

A OROZIMBO BARRETO

Na brenha cerrada da minha tristeza, onde os sorrisos já não fazem ninho, viviam pousados na arvore secca da melancolia tres pombos carinhosos.

Dia e noite arrulhavam; ao pôr do sol, porém, um delles, turturinando, trazia-me ao coração maguas, acerbas maguas indefiniveis — era o mais escuro.

O menor, branco, niveamente branco, durante as noites de luar gemia — mas a sua voz, posto que fraca, tinha mais alegria, muito mais alegria do que a voz soluçada do primeiro.

O ultimo, um grande pombo forte, de azas triumphadoras, capazes de vôos temerarios, o ultimo, dia e noite, cantava no

ramo secco, olhando ora o sol, ora as estrellas.

Para viver melhor com elles, dei-lhes nomes.

Chamei ao primeiro Saudade, ao segundo Amor e Esperança ao terceiro.

Um dia, á hora mansa da tarde, tomei no punho o primeiro pombo e soltei-o no ar; fiz o mesmo ao segundo, fiz o mesmo ao terceiro.

Voaram, ruflando as azas, foram-se, muito alto, como se tomassem o rumo do ceu, como se fossem mariscar as clarissimas sementes que a noite começava a espalhar pelo espaço.

Foram-se!

Solitario puz-me a pensar na madrugada proxima e na volta dos meus mensageiros.

Que me traria o pombo Amor de novo e os outros dois que novas me trariam ?

Assim entretido a pensar fixei os olhos no mesmo ponto — a brenha enchia-se de lentejoulas brilhantes. A' proporção que a treva ia se fazendo mais espessa, apontavam mais estrellas e mais vagalumes appareciam como reflexos sydereos.

Extrema solidão !

Meus olhos, por mais que se alongassem, não conseguiam descobrir a luz das choças ; a cantiga melancholica do zagal, no alto do monte, não me chegava aos ouvidos.

Olhar o ceu ! Olhar o ceu ! Fixei a vista nas estrellas.

Subitamente um gemido. . . outro mais doloroso. . . uma ruflalhada em torno a mim.

Voltei-me. . . e ia levantar-me quando alguma cousa rapida saltou para o meu

hombro, depois para o meu punho, gemendo, gemendo sempre.

Corri á claridade, cheguei-me á luz da lua e olhei.

Eterna companhia! Não póde viver longe do coração... Sombra da vida extincta, espectro das lagrimas e dos sorrisos. . .

Eterna companhia! Era a Saudade, o pombo escuro.

O Amor e a Esperança passam de quando em vez junto de mim, demoram-se alguns instantes, mas, pela madrugada, fogem, voam turturinando. Elle só não me abandona, o pombo escuro, o que eu chamei—Saudade—o triste, o melancholico, o dolente.

A NAU

Achei-me um dia sobre o verde oceano, sem mastros, sem velame, sem maruja. Em torno a mim varias e differentes naus fluctuavam; eu, presa a uma boia, sacudia-me com o balanço que as ondas faziam.

Trabalhadores invadiram-me.. Dia e noite o martello batia; construiram no meu bojo varios compartimentos, dividiram-me; depois fincaram no meu peito mastros enormes, especies de cruzeiros; pintaram-me, fizeram-me garrida e a pouco e pouco fui me sentindo afundar nas aguas calmas.

Um dia, pela manhã, homens armaram-me; abriram pannos em todas as vergas, teceram teias negras de cabos e

correntes e subito um tropel de marinheiros invadiu-me e ouvi então, pela primeira vez, a canção da saudade.

Era forte e formosa — tinha dentes de aço e o echo retumbante da minha voz era repetido pelos ares longa e demoradamente — meu grito matava, meu halito era de fumo espesso.

Uma madrugada senti que alguma coisa me repellia — eu tinha as velas pandas e lentamente fui singrando o mar pacifico, sereno e remansado.

Dentro de mim palpitava com um constante tan-tan meu formidavel coração de ferro.

Que bello o dia da partida!

Passei por entre alas de outras naus, orgulhosa como uma rainha e fui me fazendo ao largo. Ao cahir da noite densa achei-me entre estrellas e aguas revoltas. O oceano já não era o mesmo. Ondas cuspiam-me, ventos insultavam-me; a ma-

ruja, na faina, não parava e achei-me só, completamente só, na soledade tristissima de um mar tempestuoso.

De vez em vez uma ilha apparecia, porém o vento inchando as velas e um relogio que os homens consultavam faziam-me torcer involuntariamente o rumo. Ando no mar ha muito tempo velejando, velejando sempre, ancorando um dia n'um porto bonançoso, surgindo ás vezes em terriveis barras — entretanto a agulha sempre a mostrar o Norte e a voz do commandante sempre: — avante!

Tempestades me têm desmantellado, ventos passam por mim rasgando as velas, morrem marujos de fadiga, outros deixam-n'os ficar na esteira branca que vou deixando no caminho verde. Não sei para onde sigo... Avante! Avante sempre!

Mal saio de um porto outra procura-o e ninguem mais pensa em mim. Buscam-me as tempestades e, ás vezes, tendo visto o que tenho visto andando sinto saudade d'aquelle mar quieto e tão

verde onde vivi durante tanto tempo, armando-me para tão longa travessia. E não poder tornar á quilha desarmada, pensando o que pensava: — que o oceano era como a mansa bahia onde me fiz tão forte e que as tempestades eram feitas com as brisas que me balançavam.

Hoje, que sou? pobre nau carregada — deixando mortos pelo caminho e tomando em cada porto um fardo novo e sempre a caminhar, velas ao vento, para o Norte fatal de onde nenhuma embarcação voltou jámais.

✡

Como a nau da ballada eu tambem, cheio de aspirações, com as velas da esperança cheias, depois de me julgar bastante forte, fiz-me atrevidamente ao largo.

Frisos do oceano do carinho, como vos transformastes em vagalhões de males!

Crenças, maruja d'alma, como vos deixamos ficar na esteira de lagrimas—unico rastro da nossa rapida passagem!

Portos da phantasia, porque nos carregais a alma de illusões, para que, na hora da tempestade, alijemol-as todas no vortice das falsidades e dos desenganos!

Sigo tambem o rumo fatal — o Norte é o meu termo. O Norte, o eterno paiz onde a esperança não desabrocha auroras, onde não ha sonhos, onde não ha beijos; o eterno paiz da sombra, silencioso e opaco, onde, em compensação, ninguem mais soffre.

E' para lá que caminho por esse mar de procella, batido pelas tempestades de todas as agonias e de todas as desesperanças.

A MAIS FELIZ DAS TRES

Na Via Lactea, entre estrellas balbuciantes, á hora em que os astros dispertam, encontraram-se, por accaso, tres almas purissimas de virgens. Saudaram-se e travaram conversa:

— Eu fui princeza — disse uma. Sobre o mausoleu onde deixaram o meu corpo ha um cyprestal de prata e um archanjo de marmore guarda severamente os meus despojos.

Tenho saudade dos lyrios do meu jardim.

— Eu fui monja, disse a outra. Sobre o tumulo onde ficou a carne em que morei chovem os psalmos das religiosas e as flôres dos que vão correr o claustro. Tenho

saudade do Angelus saudoso, á hora melancholica da tarde quando brincam e se recolhem as andorinhas mansas.

E a terceira disse: — Eu fui pastora.

Meu corpo está no humilde cemiterio da aldeia. Guarda-o meu noivo e, quando não ha flôres nos galhos elle desfolha o coração e espalha sobre a minha cova as petalas do pranto.

Tenho saudade do meu noivo.

Uma estrella cadente que fugia, ouvindo a conversa das almas immaculadas, perguntou á outra estrella que surgira na tréva:

— Qual a mais feliz das tres, irmã radiante?

— A noiva, porque foi amada — respondeu a estrella que surgira.

A SALAMANDRA

Na cova profunda, acocorado diante de um brazído, o solitario meditava.

Illuminadas pelo fogo as barbas longas que lhe escorriam pelo peito nú pareciam de chammas e a cabelleira selvagem tomava tons doirados quando elle sacudia a cabeça tremula.

A lenha crepitava e o velho, com o braço estendido, tinha na palma da mão um corpusculo purpuro que se movia erguendo-se, rojando-se, torcendo-se com um reluzir de ouro novo.

Os olhos attentos do eremita não se apartavam do animalculo rubro, e, ora os seus labios sorriam, ora a sua fronte carregava-se.

☆

Entrei na cova profunda e detive-me a contemplal-o, sem falar, sem mover-me, impressionado com aquelle estudo da chamma.

Afinal, curioso do mysterio, approximei-me do velho.

Elle, dando subitamente commigo, pôz-se de pé, fechou a mão e encarou-me, mas, reconhecendo-me sorriu e acocorou-se de novo.

— Que estudas?—perguntei.

— A vida mysteriosa. E abrindo a mão mostrou-me o animalejo:

— Conheces?

— Não.

— E' uma salamandra. Está a morrer; repara.

Olhei. A rubra lagarta escabujava.

— E' muito pequena ainda. E, de repente, ás pressas, pôz-se a deitar gravetos na fogueira quasi extincta, e, como a

chamma crescesse atirou sobre as cinzas abrazadas a lesma ardente.

A pouco e pouco o animal foi recuperando a vida, começou por mover-se lentamente, colleou depois, trepou-se a uma braza, e, subito começou a rabear contente como um corisco no vermelho fogareo da cova.

E o velho, radiante, a bater as palmas levantou-se a balbuciar palavras cabalisticas saltando em torno das labaredas onde a salamandra nadava.

Amor, meu doce amor, teus olhos negros queimam quando fuzilam de paixão, abrazam, teus olhos negros, nem eu sei como posso admiral-os, entretanto, minha-alma, como a salamandra, gosta de viver dentro das pyras, gosta de adormecer na

chamma viva dos teus olhos negros, e, tanto que se de ti me affasto sinto-a logo estremecer pedindo a luz ardente das pupillas, como a salamandra rubra pede, para viver, a chamma forte dos brazeiros.

ESTRELLAS

— E' curioso, disse o pastor olhando-me fixamente.

Nós outros pastores, nascidos e creados na montanha não admittimos que ninguem saiba melhor do que nós a historia das estrellas. O peregrino deve concordar commigo — nós pastores temos na terra o rebanho e as estrellas no ceu... que mais? Conhecemos todas as ovelhas e entendemol-as — um balido no valle diz mais do que todos os recados, sabemos se a ovelha chora ou se chama pelo seu macho — entretanto não ha um só homem da planicie que possa perceber o segredo dos animaes pela voz ou pelos olhares — nós percebemos.

Dá-se o mesmo com as estrellas.

Não ha zagal que as não conheça todas pelo nome; sabem onde moram, a que horas sahem, a que horas se recolhem, quando estão doentes, quando estão de amor. Mas o senhor, moço peregrino, o senhor conhece melhor do que os zagaes a historia das estrellas. Tendes, de certo, velado muita noite?

— Muita noite...

— E estudado muito?

— Muito.

— E em que montanha fica o peregrino para estudar os luzeiros?

— Em montanha alguma.

— Estuda da planicie?

— Sim.

— E qual é o canto do ceu que mais prefere?

— Um que ninguem conhece, que tem um oriente sempre purpuro, um oriente que canta. Um ponto de ceu sempre semeado de ouro e de rosas, um ponto de ceu que ninguem conhece e por onde

voam os meus beijos e onde moram duas estrellas, essas que me ensinaram a vida das outras todas.

— E quaes os nomes que déstes ás duas estrellas, moço peregrino?

— Olhos azues, pastor. Simplesmente, unicamente—olhos azues. Ahi tens como eu, que estudo no rosto de minha amada, sei mais do que os zagaes, sei mais do que os astronomos a historia das estrellas.

O pastor, apoiado ao baculo, meneiava a cabeça balbuciando:

— Estrellas... olhos azues... Olhos azues... estrellas...

E eu desci porque já vinha chegando a saudade do beijo e elle lá ficou no alto cume, entre os carneiros, com o queixo no báculo, olhando-me admirado, sempre a repetir:

— Estrellas... olhos azues... Olhos azues... estrellas.

A MINA

— Lá no alto monte, entre as urzes maninhas — disse Silvano. Lá no alto monte! Ide ver... E' justamente perto do carvalho onde Lavinio, á tarde, sopra a frauta, onde Lavinio, á tarde, canta. Lá no alto monte, entre as urzes maninhas.

Hontem, por accaso, á hora em que fui levar a ração ao pastor, attrahido por um passarinho, fiquei algum tempo junto do carvalho, a ouvir, a ouvir, furando a terra com o ferrão do meu cajado.

O passaro cantava no mais alto da arvore, e, d'entre as urzes maninhas, outro lhe respondia.

Fiquei a ouvir, a ouvir e a cavar com o ferrão do meu cajado.

De repente, baixando os olhos para terra vi, no fundo da cova que eu abrira, vi no fundo da cova luzir alguma cousa — era como um pedaço de ouro.

Sem ouvir mais os passaros puz-me a cavar, a cavar e descobri, no fundo da cova, um filão maravilhoso — ouro do mais fino, como não ha em reverbero de santo.

Entre os moços canoeiros — pescadores do rio, pescadores do lago — houve um grande alvoroço.

Queriam todos ir ao monte, ver a mina de ouro e Silvano, arrependido de ter contado o seu segredo, negou-se a acompanhal-os, limitando-se a dizer, mostrando a serra:

— Vão! E' lá no monte, entre as urzes maninhas, junto do carvalho onde Lavinio, á tarde, sopra a frauta.

E os canoeiros partiram.

✡

Subindo a montanha, uns pensavam em comprar grandes canôas, outros em edificar palacios, ricos como os dos fidalgos, outros lembrando-se do proximo noivado, diziam baixinho: que a capella teria grandes cirios e que o tapete do adro seria todo de flôres.

Chegaram, emfim, ao alto do monte, entre as urzes maninhas. Era justamente á hora do cahir da tarde. Lavinio, entre as ovelhas, cantava sentidamente.

Os pescadores cercaram-n'o.

— Lavinio, disse um d'elles, o mais velho, mostra-nos a mina de ouro, a mina de ouro que Silvano descobriu no monte, conforme nos disse, ha pouco. Deve ser n'este sitio, entre as urzes maninhas. Deve ser n'este sitio — é aqui que tu costumas cantar á tarde. A terra está revolvida de fresco — foi Silvano que a revolveu com o ferrão do seu cajado.

Lavinio, a mina de ouro é aqui — mostra-nos a mina de ouro.

— Mina de ouro! — disseste... Mina de ouro! E o tristonho pastor, affastando o

rebanho, falou ao canoeiro: — Mina de ouro! Mina de ouro no monte, perto do carvalho, entre as urzes maninhas... deve ser aqui.

E desviando-se deixou que os canoeiros revolvessem a terra.

✡

Todos de joelhos, enterrando as unhas ambiciosas, cavaram, cavaram. Um d'elles, mais novo, ergueu-se de repente com uma pequena cruz de prata.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente: Amuleto... amuleto gasto pelos seus beijos!

Outro arrancou da terra um ramo secco.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente:

— Foi o ultimo ramo que lhe dei... o ultimo! Subito recuaram todos — era o ouro que chispava no fundo da terra, era o rutilo filão maravilhoso.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente:

— E' ouro. Ahi o tendes... Ouro puro... ouro dos cabellos da minha amada, ouro dos seus cabellos.

E, como os canoeiros se erguessem attonitos e commovidos, Lavinio continuou:

— Era minha esposa: ella pastora, eu pastor. Casamo-nos na serra, junto da fonte triste. O sol uniu-nos n'um mesmo raio; foi por uma manhã de primavera. Presentes á festa nupcial, os passaros, as borboletas e os dois rebanhos—o meu e o d'ella, que se juntaram, que se misturaram. Ella trazia um ramo de bogaris, e, como lhe faltasse o veu, o veu que as noivas trazem, soltei, eu mesmo, os seus cabellos louros. Emquanto viveu amei-a estremecidamente, agora... os seus cabellos de ouro... podeis leval-os... podeis leval-os. Já não tenho ciume dos cabellos.

Como os canoeiros se persignassem, horrorisados com a profanação do tumulo, Lavinio serenou-os.

— Não vos assusteis. Ide... Ide que a alma da moça morta não vos perseguirá

quando sahirdes para os lagos frios, á hora dos maus espiritos. Ide, que a alma da pastora está presa em meu coração, vive com a minh'alma. No mesmo dia em que guardei seu corpo junto ao carvalho antigo, entre as urzes maninhas, cavei, com a minha saudade, um lugar no meu coração para guardar sua alma. Ide! E não vos assusteis... nada receieis — a alma da moça não vos perseguirá.

E ficou-se a cantar, junto ao carvalho, entre as urzes maninhas, com os olhos no ceu, pallido, onde desabrochava Vesper.

PRIMITIVOS

Minguava a protectora lamina candente; as scintilas de sol embainhavam-se no azul.

Anoitecia.

Galopavam na floresta, em trepidas manadas, as vagabundas féras famulentas.

Nos valles e nas gargantas, reboavam rugidos; os leões, agachados no limiar das cavernas, fitavam soberanamente o cariz do céo cambiante.

Bailavam nos gneiss as sombras collossaes dos ursos, suspensos sobre as patas trazeiras, bambos e titubantes, sacudindo-se e tripudiando em caricias de garras.

Voavam canoros passaros brilhantes.

Abriam-se as cortinas verdes da folhagem e, no deliquio da tarde, gemia o madrigal suavissimo dos ninhos.

Florestas e florestas virgens rumorejavam um preludio triste e o ambiente saturava-se do perfume casto, feito da transpiração das rosas e do aroma volatil dos resinosos troncos.

Cantante e namorada a fonte unia a sua musica perenne á esplendida berceuse crepuscular dos seres.

✡

Trevas da primeira idade. Espessidão compacta e sinistra, onde o espirito vago do primeiro homem procurava descobrir o Deus austero, coevo das primeiras sombras.

Noites de insomnia, noites de vigilia ingrata, á beira do fogo, no fundo regelado das cavernas.

Rodavam pelos arredores os bandos fulos dos colossaes orangos.

✡

Elle, de pé sobre um gneiss, olhava profunda e attentamente ao longe. Projectava-se no lago, de uma transparencia melancolica de pupilla azul, a sombra erecta e varonil do barbaro.

Era a ronda final; a noite negra vinha já descendo das alcandoradas serras.

De quando em quando o barbaro soltava um rugido e brandindo a maça de silex parecia desafiar os perfis esfuminhados dos penedos longinquos.

No fundo da caverna a mulher, sentada sobre um craneo de renna, ateiava a fogueira.

Girava em turbilhões diffusos a grande alma da natureza — aqui brotando transformada em rosa, alli rebentando na germinação prodigiosa de uma nova floresta.

A relva tinha fremitos, as ramas apertavam-se em convulsões hystericas de goso. Aves e arbustos derreavam-se n'uma lassidão de sensualismo forte.

E tudo amava na penumbra deliciosa com a discrição e a delicadeza dos lyrios.

Elle, o forte, vigiava. Impavido e sereno, scindia a opacidade negra com o seu olhar vigilante.

Longe em longe, entre as rochas, um rugido de leôa fecunda, doloroso e vibrante.

O mar beijava a terra, a luz beijava o mar.

Emtanto o homem triste, de pé austeramente sobre o gneiss, sacudia da testa os longos cabellos fluctuantes, apoiado ao silex.

Ella anciava. A chamma da fogueira aviventava-lhe o sangue, o sussurro da folhagem cantava-lhe ao ouvido uma canção de amôr.

Ergueu-se meio núa — os seios fortes de mulher creadora a pino — bellos como dous poemas genesicos de carne ou a biblia do amôr em dous capitulos brancos.

Tremula, encostada á penha, fitando o crescente que subia, a mulher, languida, esperava.

O homem vigiava ainda — depois, soltando o derradeiro brado no deserto, desceu de um salto do pedestal de mica.

Voltou para a mulher o seu olhar selvagem, fitou-a sem severidade e com o silex indicou um meandro de sitio illuminado pallidamente.

Então, sem uma palavra, sem uma ternura molle, fortes como a floresta, encontraram-se os dous corpos palpitantes; vacillaram e cahiram rolando sobre a relva, perto dos ossos tabidos das rennas, entre o crepitar alegre da fogueira e o cicio manso da viração da noite.

Amaram-se alli mesmo, em pleno ar, no encanto pacifico e virginal do campo.

Mas a folhagem estalou, abalaram-se as ramarias e o bufo dos mammuts sacudiu as palmas.

O homem saltou impetuosamente; travou do silex e, firme como um semi-deus, heroico como o genio errante da primitiva selva, adiantou-se urrando como as alimarias. E ella, para auxilial-o, ébria de

sensual idade ainda, levantou-se cantando uma melodia barbara, e fóra, com a carne núa desafiando as bestas, pôz-se a afiar nas arestas das penhas, as pontas incisivas dos punhaes de silex.

INNOCENCIA

Na occasião em que o Dr. Anselmo atravessava a ponte, cochilando, escarranchado no moroso jumento, Francina tomou-lhe a frente.

— Meu bom doutor...

Com a parada subita do animal o velhito quasi foi ao chão. Equilibrou-se a custo e, abrindo muito os olhos para encarar a pequena, perguntou severamente:

— Então! Que fazes tu no caminho, vagabunda?!

Francina, muito vexada, baixou os olhos e pôz-se a enrolar as pontas do avental usado.

— Já estás cançada de correr os cannaviaes com o rapazio? Sai-te d'aqui! Deixa-me passar!

E a pequena humilde, sempre a torcer as pontas do avental, levantou para o velho os olhos supplicantes.

— Que queres? Fala!

— Eu queria, bom doutor...

— Vamos?! Fala de uma vez!

— Minha mãe morreu hontem, como o bom doutor sabe, deixando o pequenino Julio que ainda mama...

— Sim... Mas que tenho eu com o Julio? — Queres dinheiro... ahi tens.

E atirou para a pequena duas moedas de prata.

— Não é dinheiro que vos peço, bom doutor...

— Então... que é? Fala!

Francina, muito corada, hesitante, tremula, desabotoou o corpinho, desabotoou a camisinha grossa e deixou vêr os peitos virgens — dois botões purissimos de magnolia onde havia pousado um casal de abelhas rubras — e, dirigindo-se ao doutor, com ar pedinte, disse:

— Vê o doutor? Eu tenho peitos como todas as mulheres, entretanto, por mais que meu irmão puxe por elles o leite não escorre... creio que o motivo é estarem ainda fechados... Eu queria...

— O que, pequena?

— ... que o doutor, por piedade, m'os furasse.

— Não, isto não, filha. Olha, disse o bom velho commovido, leva-me o teu irmão á casa, tomo conta d'elle, ouviste? Mas, não penses em furar teus peitos, tolinha... Isto é como um ovo... depois de fecundado o que está dentro procura sahir sem mais auxilio do que o da propria força... como os pintos. Nunca viste nascer um pinto?

— Já sim, senhor.

— Elle mesmo belisca a casca, não é?

— Sim, senhor.

— Pois é justamente assim com o leite... E sorrindo deu uma palmadinha no rosto de Francina. — És muito nova ainda... Não penses mais em furar teus peitos... e,

quanto ao Julio eu encarrego-me d'elle, ouviste?

— Sim, senhor.

E o Dr. Anselmo, limpando uma lagrima, esporeou o jumento e foi-se balbuciando emquanto a ingenua rapariga, de pé no meio da ponte, guardava os peitos virgens, abotoando a camisinha grossa.

SELEMNUS

Pela esmeralda das campinas humidas, soprando a avena suave o meigo pastor Selemnus passeiava o seu rebanho de ovelhas e de cabras.

Argyra, nympha dos cabellos de ouro, mal o descobria sentado entre os ramaes de myrtho verde deixava a espuma jonica e célere, a sorrir, saltando pelas pontas dos penedos, vinha cahir nos braços desejados.

Os hirsutos tritões glaucos de ciume, punham-se a soprar nos busios torsos, arrepelavam o mar espadanando vagalhões medonhos para ver se os amantes se assustavam, porém os dois, unidos peito a peito, mal o sussurro dos labios percebiam.

As nayades, de noite, á sahida da lua, appareciam em bando á flôr das vagas, cantando para tentar o namorado e Selemnus pensava unicamente na bella nympha dos cabellos de ouro.

Um dia Argyra descobrio rugas no rosto do pastor e fios brancos na cabelleira escura. Riu de cima da penha e, sem beijal-o, de novo mergulhou no mar inquieto.

Selemnus debalde foi á praia vel-a, chorou debalde; á toda a onda que subia a areia um segredo confiava para Argyra — e a nympha, cavalgando o dorso verde e altivo de uma vaga fez-se ao largo, rindo do pastor desventurado.

Dias e noites, entre as penedias, Selemnus soluçou pedindo a morte até que os deuses se compadeceram.

Venus, porém, a deusa protectora dos amores, para tornar eterna a triste historia transformou o pastor em rio — mas,

apezar de transformado o amante não esqueceu a perfida e fugindo por entre os salgueiraes o nome Argyra soluçava sempre.

Foi preciso que a deusa o soccorresse dando-lhe como remedio o esquecimento.

E nunca mais Selemnus suspirou sentido — poz-se a correr silenciosamente atravez das pradarias de esmeralda — matando a sêde ás brancas ovelhinhas.

As victimas do amor, os desgraçados, quando a paixão minava-lhes a vida, para esquecerem a causa dos tormentos, mergulhavam nas aguas de Selemnus. E os que levavam nomes dentro d'alma nem saudades traziam desses nomes.

Eu vivia feliz pastoreando as minhas illusões — sem martyrios, sem maguas, sem desgostos. Appareceste e eu, tudo esqueci porque o teu amor encheu-me o coração. A minha vida vinha de teus olhos, o teu

prazer o meu prazer creava e nunca descobri pranto em teus olhos sem que nos meus não visses mais copioso. Deixaste-me sem luz.

Meu coração morreu e transformou-se em um rio luctuoso de agonias. Corre pelo meu rosto, como por um valle, esse fio de lagrimas ardentes — é o meu amor, é toda a minha vida que se esvae n'esse pranto.

Falta-me o esquecimento!

Falta-me o esquecimento!

Mas para isto é preciso que o meu coração se desmanche e que eu fique sem a saudade que, no correr das lagrimas, balbucia para a minh'alma debruçada sobre o meu coração, o teu nome, como Selemnus, o rio namorado, dizia aos salgueiraes, o nome dôce da formosa Argyra.

NO HORTO

De joelhos, orando contricto entre as oliveiras murchas do caminho, o rabbino Jesus esperava o supplicio.

Ninguem em torno — a sombra da noite velando pesadamente os arredores — e o misero a balbuciar piedosamente com a alma no ceu, arrebatado, n'um extasi suave.

De longe, na brisa leve e cheirosa chegava o echo languoroso das cantigas das moças, vinham sons de instrumentos e o cicio dos ramos das oliveiras sacudidos brandamente pelo vento da noite.

Nem um discipulo, nem um amigo perto.

Jesus levantou os olhos limpidos para o ceu — a lua rasgava as nuvens como o rosto branco de uma nadadora emergindo de um mar tenebroso.

A claridade envolveu-o e elle, o bom, o misericordioso missionario do amor ficou n'uma redoma mysteriosa de luz tenue.

Todos os sonhos do seu coração accordaram, todo o seu amor renasceu.

Lembrou-se da Bethania onde, por noites iguaes áquella, elle e Magdalena trocavam beijos desfolhando rosas; lembrou-se de uma samaritana apaixonada que lhe offerecera o leito perfumado a sandalo, lembrou-se de uma creança de Bethphagé que chorava de amor ouvindo-o falar de Deus — e o miserando Jesus sorriu para o luar.

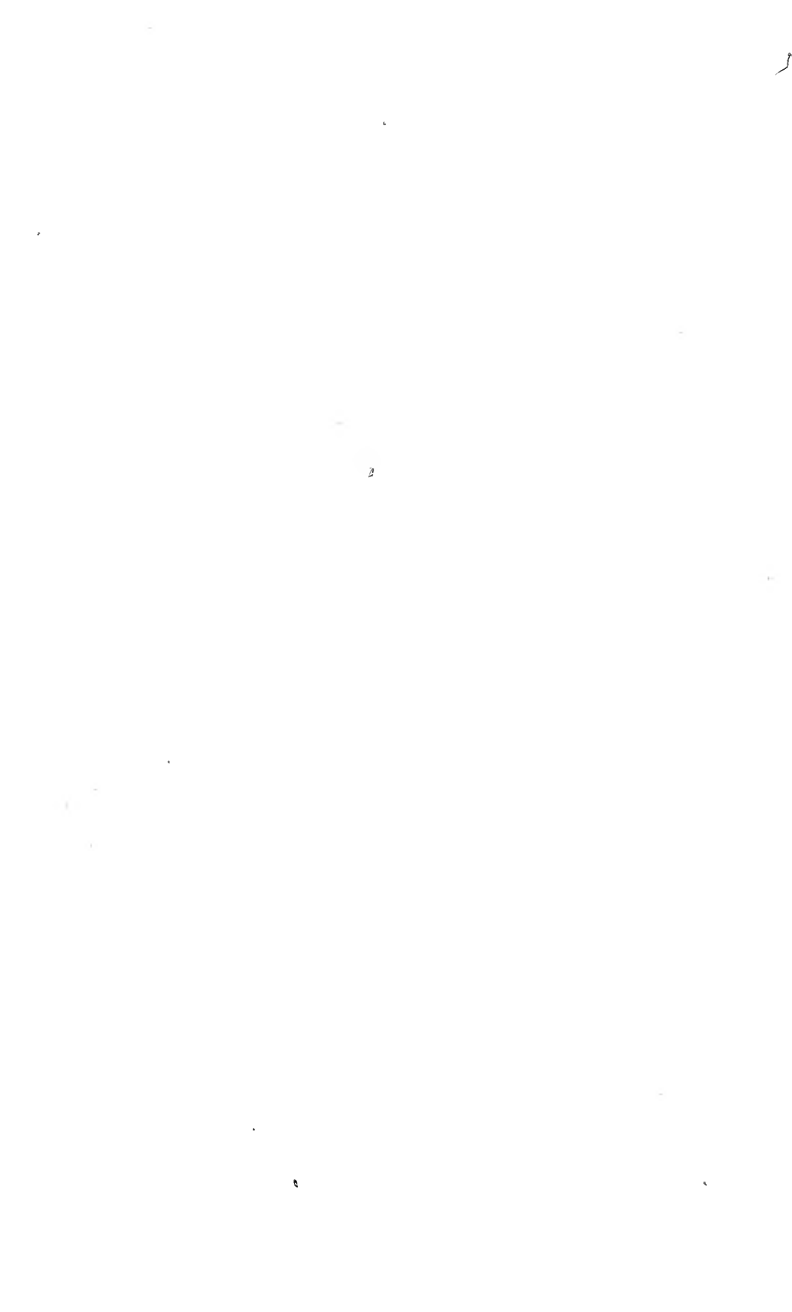
. . . .

De repente sentiu na face gelada o calor rapido de um beijo. Estremeceu, e, com o mesmo sorriso, com a mesma doçura no olhar, estendeu os braços tremulos e disse

ternamente, com a voz abafada como um arrulho de rôla.

— Maria!

E voltou-se para o dono do beijo.

Era Judas Iscariotes.

FORA DO PARAISO

Uma treva pesada desceu sobre a terra. Ventos fizeram profundas covas nas areias — o manso e claro Euphrates cresceu de aguas e innundou as margens palmeirosas. Arvores perderam toda a fronde.

Soffria pelo peccado a natureza toda.

Voavam no ar, em turbilhões, flôres roubadas pelos vendavaes aos caules e passarinhos sem vigor nas azas. Grandes aguias de forte envergadura soltavam pios pavorosos nos penhascos; mamuths pelludos corriam sem destino, ibis negros piavam e pombas, transidas de terror encolhiam-se nas grotas emquanto os doirados leões e os tigres miadores em rebanhos de mil fugiam pelas ravinas. As

ribeiras de suavissimo murmurio roncavam como catadupas — nem uma só das muitas aves aquaticas, nem uma só por fóra. Os animaes tremiam apertando-se debaixo das ramadas dos sycomoros. De vez em vez um balido echoava e bandos de leopardos varavam a floresta destroçando, de raiva, magotes de ovelhas. Já não havia a promiscuidade pacifica — os rouxinóes evitavam as aguias, os borregos fugiam das pantheras. Foi então que começou a migração dos animaes.

Nem um papeio de ave, entretanto, enroscado na arvore da Sciencia, o python do peccado sibillava de goso. Vêncera!

☆

Adão e Eva, nús, iam de fronte baixa, as mãos dadas, correndo á frente do Archanjo vigilante que brandia na dextra a espada luminosa.

Deus, do alto ceu, espiava a sua vingança.

Os trovões estalavam reboantes e, a mais e mais o espaço escurecia-se. O rumor das grossas aguas rolando tornava mais terrivel a noite repentina. Urros e berros succediam-se no bosque. Nas ondas torvelinhantes da poeira desappareciam as borboletas fracas; mortas, nos rios cheios, desciam pombas da primeira idade. Andorinhas emigravam e cegonhas corajosas ganhavam o tenebroso espaço em procura de sitio mais ameno. Eva, de medo, escondia o rosto nas mãos.

O Archanjo, com as seis azas espalmadas, severo, pairando sempre, brandía no escuro a espada de chammas. No largo oceano, emquanto a terra aturava humilhada a furia da colera divina, nascia o vagalhão tormentoso. Adão e Eva acharam-se de repente fóra do acceitoso Eden. Ella, mais timida e vergonhosa agachou-se junto de uma pedra sem limo e, embrulhada nos cabellos pôz-se a chorar as lagrimas primeiras.

Adão, apavorado, não tirava os olhos da curva espada ignivoma que alumiava formidavelmente na dextra do forte Archanjo.

O vento, nada de amainar. As franças, n'um cyclopico torneio, emmaranhavam-se ruflalhando. Horrisonos roncos subiam aos espaços e, de momento em momento, passavam a desfilada junto dos dois expulsos quadrupedes collossaes, tontos, assustados, fugindo sem direcção pelo meio da treva opaca.

Eva, receiosa, chamou para junto de si o companheiro. Adão obedeceu á voz mansa e meiga e tacteando foi agachar-se ao lado d'ella com o pavor no coração e os olhos sempre fitos no unico ponto claro que existia na tréva: a espada rutila do Archanjo.

Eva, a primeira virgem, pôz-se a falar de Deus e Adão a ouvil-a. Uniram os dois as almas na mesma oração de misericordia,

dobraram os joelhos na pedra escabrosa, balbuciaram e, ao fim da resa, quando esperavam ver embainhar-se no azul a lamina de fogo, viram-n'a agitar-se mais terrivelmente e ouviram redobrados rugidos do vento e mais troantes ribombos de aguas que se despenhavam.

Deus não perdoava!

Deus era inflexivel!

Cheia de arrependimento a mulher desatou em soluços: « Senhor Deus! Senhor Deus! dizei-nos pela bocca do vosso Archanjo forte, como resgataremos a nossa paz de espirito? Senhor Deus! Meu Senhor! Dizei-nos como pagaremos o nosso peccado? como remiremos nós culpa tamanha? Dizei-nos, por quem sois, Pai de misericordia! ».

Deus não teve uma resposta para a supplica.

Mas, Adão que meditava, com a cabeça enterrada nos joelhos, sentiu subitamente o resvalar de um corpo na folhagem. Ergueu-se.

— Eva, formosa e meiga creatura, attende! Ha um consolo para o teu supplicio. Deus é surdo aos teus votos, eu, porém, quero provar-te que não vim trazer o mal á natureza. E' grande o soffrimento que te opprime mas, a tua dôr não é sem cura — ha um balsamo infallivel.

Eva que não via nem podia vêr na tréva o extranho interlocutor, perguntou a tremer:

— Quem me falla!

O python, levantando a cabeça achatada, disse carinhosamente;

— Eu, Eva formosa e meiga.

— Tu! Ainda tu! — exclamou a mulher horrorisada reconhecendo o reptil que a hallucinára.

— Sim; ouvi os teus gemidos e dei-me pressa em trazer-te o meu conselho.

— E... qual é elle? — perguntou a curiosa.

— Une a tua bocca á bocca do teu homem, deixa que a d'elle aqueça bem a tua, aspira-lhe o perfume, sorve-lhe o

suspiro e aperta-o nos teus braços tanto quanto puderes. Eis o que te ensino, meiga e deliciosa.

E sibilando partiu pelos silvados.

Eva, desconfiada, sorriu do conselho e quedou-se, com o rosto nas mãos, os olhos pensativos, analysando as palavras da serpente: — « Une a tua bocca á bocca do teu homem ».

E a mulher fraca, picada pela volupia, sentiu o primeiro desejo. Os seios entumesceram-se e começaram n'um arfar apressado, os olhos foram-se a pouco e pouco amortecendo. A medo, vergonhosa, a virgem primeira estendeu a mão tremula procurando o homem. Os dedos perderam-se nos cabellos d'elle. Adão, acariciado, levantou o rosto e a sua bocca roçou de leve no punho vellutineo da ingenua companheira: — Eva! Eva não respondeu.

Um fremito sacudiu-lhe o corpo, seus cabellos despenharam-se sobre os hombros do forte e, inconsciente, involuntariamente, vencida por uma força superior a mulher deixou-se cahir nos braços que a esperavam. Houve um espasmo em toda a brenha tragica. As feras galopantes estacaram e, nenhum berro interrompeu a cavatina do primeiro beijo; apenas um silvo sulcou o silencio—foi a voz do python saudando o amor.

Quando os dois se affastaram, Eva, que olhara, por accaso, o ceu soltou um grito lancinante.

— Adão! Adão!

O homem tomou-a carinhosamente.

— Olha! — e apontou a noite.

No ceu, em vez das nuvens plumbeas, brilhavam milhares de estrellas, a terra resplandecia á luz do plenilunio e, no cavado rochedo da entrada do Eden já não

flammejava a rutila espada do Archanjo vigilante.

— Sahiram para espiar-nos! — disse a mulher chorando. São os anjos que nos espiam... E' uma nova vingança de Deus.

— Attende, meu amôr, attende... murmurou Adão. Ouves esta perenne musica deliciosa? é o Euphrates, é o Gehon, são os rios que nos saúdam. Ouves este suspiro brando e entrecortado? são as bravias feras que se beijam. Olha os ramos em idylio; vê como as flôres voam de um para outro galho, repara como tudo se anima. O segredo de ser igual a Deus tu o tinhas comtigo — é o beijo, meu amôr, é o beijo. O que não fizeram todas as preces das nossas almas fez o primeiro beijo das nossas boccas.

O homem então, triumphante e orgulhoso, subiu para a pedra escabrosa e encarou as estrellas e a lua com atrevimento, emquanto a natureza fecunda torcia-se a seus pés nos paroxismos do primeiro goso.

Eva voluptuosa, languida, amollecida pelo amôr, escondeu-se entre os cactus olhando uma sombra que abria no pallio luminoso da lua azas negras e enormes de vampiro e fugia sibillando victoriosamente. Era o python do peccado que espalhava pela natureza a nova do desabrochamento das primeiras almas.

BUENA-DICHA

— Vamos, dá-me a tua mão, disse-me a pequena cigana que anda agora por aqui a ler destinos. Dá-me a tua mão, misanthropo.

Entreguei-lhe a dextra aberta e esperei pelas suas palavras com um sorriso de descrença.

Ella pôz-se a falar:

— Has de viver eternamente triste. Has de viver eternamente só. Tens um amôr que te mata... Tens um veneno n'alma — a saudade.

— Advinhaste, cigana. Adiante.

— Foste feliz em moço: amaste.

— Amei, porém não fui correspondido.

— Tiveste uma mulher que te deu beijos.

— Sim, mas eu dei-lhe muito mais, cigana. Dei-lhe a minh'alma pura, dei toda a minha vida áquelles olhos falsos, áquelle coração sem alma.

— Alma do coração! — fez a *gitanilla* sorrindo. Que vem a ser a alma do coração?

— Não sabes?

— Não.

— E queres lêr os destinos? Dize-me, sabes que é o perfume?

— Sei — é a voz das flôres...

— E' a alma... é a alma das flôres... A petala morre, mas o perfume fica na athmosphera embalsamando a natureza. Sabes que é o azul?

— E' o desejado ponto de chegada das nossas tristes almas.

— O azul, cigana, é a alma do Universo como a nossa alma é o azul d'este arcabouço que arrastamos. Sabes que é a luz?

— E' o olhar dos astros.

— E' a alma de Deus. Cada estrella é uma hostia onde se concentra o espirito do Almo. Sabes que é o amôr?

— Sei, é o peccado de Eva.

— E'a alma do coração, cigana. E, como o Creador fez o espirito dos nossos primeiros pais apenas com o seu sopro divino, nós fazemos a alma do coração apenas com um aperto de mão, com um sorriso, com um beijo que é o sopro sancto que tudo purifica e anima. As estrellas, crê no que te digo, cigana, as menores estrellas, são beijos d'anjos crystallisados no azul. Queres ser como a estrella?

— Sim.

— Beija. O beijo, minha filha, é a unica musica que faz esquecer a lagrima. Quando vires duas boccas unidas espera o som do beijo — o beijo é a voz do coração como o soluço é a voz da agonia. Um coração sem amôr é um corpo sem alma. Se não tens amôr procura-o, porque só os mortos não amam, e é por isto que se diz que os mortos não têm alma — a alma no corpo só tem um mister, é fazer dia no coração que é um pequeno universo com estrellas, sóes, luas, tempestades e

auroras. Vai, antes de mais nada, para que possas comprehender a natureza a fundo, ama! O amôr é que nos abre a porta da felicidade. Vês como sou triste? é que não amo mais, porque o meu coração está morto. E's nova, acceita o meu conselho, cigana. Antes de procurar fortuna a mulher deve procurar o amôr. Vai... ama... ama... é este o meu conselho.

SIRYNX — O IDEAL

Na terra do myrtho verde e dos laranjaes doirados, por uma madrugada festival e fresca, o capripede Pan, deus dos pastores, o primeiro que soprou a avena, o pae dos madrigaes, viu entre os juncos a formosa Sirynx.

Viu-a e não teve mais o coração calado.

Entrou a suspirar e a perseguil-a, gemendo noite e dia e procurando deter a linda moça fugitiva.

Faunus, vendo-o a chorar, riu do seu choro, e os egypans e os satyros caprinos seguiram os passos do cornuto amante por entre as moutas de loureiros verdes.

Debalde, Pan, o pobre Pan chamava...

Debalde, Pan, o pobre Pan gemia...

A moça, conhecedora de todos os meandros, fugia-lhe dos passos.

Só as hamadryadas e as oreadas dos montes sahiram a soccorrer o namorado triste. — Mas, de subito, a formosa fugitiva, desfeita em lagrimas, quando ia a ser raptada transformou-se em caniço gemente e sussurrante.

Auras que voavam repetiram o derradeiro suspiro de Sirynx.

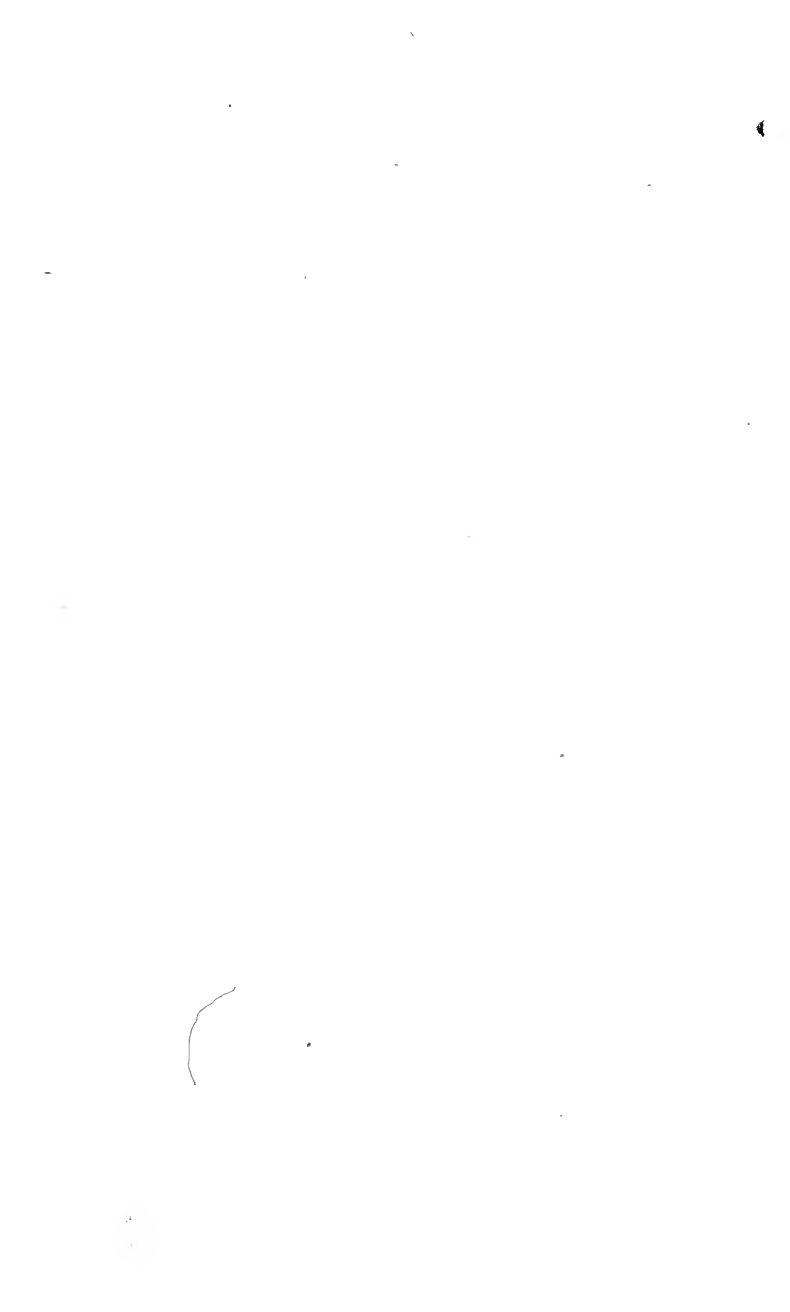
Pan, desconsolado, fez uma flauta do caniço verde e sahiu pela floresta tocando a aria sentimental do seu perdido amôr.

O poeta é como Pan, o namorado.

Vive seguindo um sonho e perseguindo-o.

Perde noites e dias vagueando. Nunca se cança de chamal-o... nunca! Um dia, emfim, quando pensa tel-o, esbarra com o lurido juncal do desengano.

O poeta faz d'essa illusão finada um motivo de canto e de poema e, como o Deus caprino, nunca mais o abandona, deliciando a todos com a sua magua rythmada, com a sua lagrima triste posta em musica.

E, como Pan, sahe pelos bosques, entre os cyparisos, dizendo a todos a endeixa saudosa do seu amôr perdido.

ADAGIO

— Vamos, meu caro amigo, vamos. O caminho a seguir é este mesmo. Vai de subida um pouco mas não custa vencel-o, vamos. Aproveitemos a brisa matinal que sopra. Nada de estações; o sol não tarda e d'aqui até a casa do cabreiro não ha arvore de sombra, nem abrigo possivel. Vamos... Deixa a cornamusa, deixa a musica campestre. Estás a accordar saudades, cégo. Vamos! Dá-me a tua mão...

E os dois — o cégo e o guia, um cansado, o outro forte, um de cabellos brancos, outro de cabellos negros, formoso, vivace, foram de vagar, subindo a encosta, por entre as urzes e os murtaes cheirosos.

— Vai-se d'aqui, dizia o velho a gemer, vai-se d'aqui, porque já estamos a meio da subida, creio?

— Sim; já estamos...

— Vai-se d'aqui, em dois minutos, a umas ruinas onde, no meu tempo de moço deixei ficar mil lagrimas... Se quizesses levar-me ás ruinas, meu amigo!...

— Nada me custa. Vamos!

— O caminho d'antes era delicioso... Arvores... e ainda ha arvores, Reynaldo?

— Ha, porém, sem folhas...

— O tempo tosquiou-as. Arvores faziam uma aboboda sombria. Moços vinham apascentar ovelhas e cuidar de amôres aqui n'este amenissimo caminho. Eu, muita vez desviei para este lado os meus quatro borregos. Mas, o meu ponto predilecto, o meu ponto de estima era mais longe — ao fim, perto das pedras, nas ruinas. Creio que estamos a atravessar o caminho?...

— Sim, estamos.

— Conheço-o pelos moradores. Esta musica constante só aqui. Os passaros

não fogem, parecem aves dos primeiros tempos. Dão-se tão bem com os homens! Dentro em pouco outra musica ouviremos... Espera!... Espera!...

— Que sentes?

— Uma caricia no rosto. Anda errante o labio de veludo da que foi minha amada. Eu sabia, Reynaldo... eu sabia que havia de encontral-a. Como é macio o labio! como trescala bem! Pára! Demora o beijo! Demora-te, peregrino amôr, demora-te!

E o cégo em extasi agitou as mãos, sacudiu a cabeça, sorrindo á visão da mocidade morta.

— Que fazes? Que fazes, cégo?

— Lubrifico minh'alma com o aroma sensual de uma bocca que passa. Olha! ella roça agora os meus cabellos, pousa-me na fronte... Assim!... Beija! Beija! Bem haja o teu coração, Reynaldo que me permittiu esta viagem ao passado... Aqui vivi no tempo delicioso do meu primeiro amôr. Morreu e anda a beijar-me agora.

Reconheceu-me! Alma da minha amada, sahiu das flôres e anda a beijar-me... Beija! Beija! Beija!

— Mas... é uma borboleta que te rodeia a cabeça, cégo...

— E' a sua bocca. Então pensas, Reynaldo, que esqueci tão depressa o gosto da sua bocca? Não! Tu que tens vista descobre uma borboleta eu, que sou cégo, sinto, sinto a sua bocca... Vamos! Vamos... leva-me ás ruinas.

— Estamos perto.

— Apressa-te...apressa-te que eu anceio de desejo! Rapido, Reynaldo... Começo a ouvir as vozes dos solitarios. Estamos na thebaida dos gaturamos. Os que se affastam do mundo fazem-se sacerdotes, eremitas do ermo e vêm para aqui cantar psalmos á primavera. Ouves? são hymnos... Já ouviste, por acaso, musica mais deliciosa? Não, confessa... Esta é a melodia dos gaturamos exilados.

— Por aqui... por aqui. Vamos mais devagar.

— Sim... mais devagar... Mas, Reynaldo... que suavissimo sussurro é este que me chega? Parece que alguem soluça pelos cantos. Vê, vê bem, meu filho... talvez que uma zagala namorada... Vê, procura...

— Não ha viv'alma.

— E este soluço então?

— E' de um arroio fino que rega esta parte da montanha.

— Como!... Um arroio aqui!

— Sim.

— Mas, no meu tempo de pastor não havia por este lado agua corrente, filho...

— Pois o que soluça é a agua de um arroio...

— Onde...? Onde? Dá-me a beber d'essa agua. Quero proval-a... dá-me...

— Não.

— E porque? porque, Reynaldo?

— Dizem os pegureiros que a agua d'este arroio amarga e mata.

— Amarga e mata... Reynaldo... Reynaldo... Vê de onde vem o arroio, vê onde nasce o fio d'agua... vê, Reynaldo!

— Nasce nas pedras negras, perto das ruinas...

— Bem... bem... fujamos... Sei o bastante.

— Que sabes? — perguntou o guia abrindo muito os olhos.

— No meu tempo, Reynaldo, não havia este arroio. Não havia... e tu dizes que elle nasce nas pedras negras?...

— Sim...

— Pois ahi tens. A origem d'este arroio está commigo — é o meu coração. Estas aguas, estas aguas, Reynaldo, são as minhas lagrimas, são as minhas lagrimas amargas que se multiplicaram na tristeza das ruinas, irmãs de minh'alma. Deixa soluçar o arroio. Não interrompamos o soluço das aguas. Vamos! E o cégo, sorrindo, deu o braço a Reynaldo e, a descer, tremulo, voltava de vez em vez os olhos vasios para os lados das ruinas balbuciando:

— Como as lagrimas cantam! Que doçura de musica! Como as lagrimas ge-

mem, como as lagrimas duram! Cantai! Cantai! Que eu, pelo menos, ouça a historia da minha tristeza cantada pelo fio perenne das minhas lagrimas... E como ellas cantam, Reynaldo! Oh! que doce harmonia!

O FOGO SAGRADO

Nem uma fagulha na tripode; do fogo sagrado restava apenas o destroço—um monte de cinzas claras resto da lenha olorante que allumiara Vesta.

E era tarde. As outras vestaes mollemente cahidas n'um comprido leito, envolvidas em chlamydulas brancas, dormiam tranquillamente.

Profundo silencio apenas interrompido de quando em quando pelo bater sonoro da lança do legionario que rondava o templo.

Como accender a tripode? Como chamar a luz do sol áquella hora da noite, quando apenas havia no ceu, enroladas na escuridão a lua pallida e as pallidas estrellas?

Que fazer ?...

E a triste vestal criminosa desatou a chorar, evocando os deuses, pedindo perdão á Vesta, a inflexivel, a deusa purissima da castidade.

Os deuses, áquella hora, ou banqueteavam-se no alto Olympo ou dormiam embalados pelos sonhos.

Nenhum d'elles ouviu o lamento da sacerdotisa, Amor, porém, que andava solto brincando com os corações passando por accaso, pelo templo, apanhou na brisa as palavras da criminosa.

Voz feminina que elle ouvisse era senha para a entrada em um coração — foi e tão de manso atravessou as primeira galerias que o legionario não lhe ouviu o ruflo da aza.

A moça sacerdotisa gemia incessantemente.

Amor, reconhecendo uma vestal, estremeceu, mas indo fugir, a ponta acerba de

uma setta do seu carcaz accordou uma pomba que dormia sobre um stelo.

Com o arrulho a criminosa voltou-se e, vendo a seu lado o pequenino deus, nú, com o arco em uma das mãos e um dardo em outra, recuou até junto do altar.

Amor olhou-a muito tempo e, encantado pela belleza, mais pronunciada pela triste feição do rosto adiantou-se.

A vestal tremula, as mãos implorativas juntas, ia cair de joelhos, quando o deus pequenino lhe travou do braço.

— Porque chora ? Conte-me a sua magua...

—Soffro porque tenho medo da morte...

— Medo da morte ?

— Sim...

— E porque ha de morrer ?

— Estava a velar pelo fogo do templo, a saudade de minha mãe distrahiu-me. Esqueci tudo por ella e, quando o meu espirito voltou da sua perigrinação pelo passado, vi com espanto e terror...

— Que se extinguira o lume ?...

— Sim.

— E que tem isso?

— Oh! se eu ainda tivesse um pouco de sol...

— Mas... que edade tem?

— Dezeseis annos.

— Ingenuidade! Pois com dezeseis annos ha mulher que precise do sol para accender uma tripode? Ingenuidade!...

E Amor quebrou todas as suas flechas, arranjou-as na tripode e approximando-se da sacerdotisa, disse a sorrir:

— Não quero roubar ao seu namorado o precioso lume... Basta-me um raio só de pupilla, um só para incendiar todo este templo, e delicadamente, cuidadosamente, apanhou um raio ardente do ardente olhar da moça e deixou-o cair no feixe de settas. A chamma crepitou victoriosamente — o templo illuminou-se e Vesta, a purissima, estremeceu no seu altar de pedra.

— Não ha sol mais forte! — disse Amor mostrando a chamma. Adeus! guarde com mais cuidado este lume que é mais do ceu

do que os raios de ouro do astro quente. Guarde com mais cuidado. Que elle não arda em corações, vestal. E nunca mais hesite, não tema nunca mais — não ha sol mais forte do que a luz dos olhos femininos.

E dizendo estas palavras desappareceu, deixando a vestal attonita, extatica diante do seu olhar que ardia, allumiando como em uma apotheose, o templo grandioso de Vesta a purissima.

PASTORAL

Volta do campo. A' frente, pelo meio da planicie morna, marcha o bando pacifico de cabras; em seguida os carneiros — e os bois, os grandes bois serenos, vão a passo ouvindo e gosando a melodia errante de todas as frautas e de todas as vozes.

Segue-se o grupo dos pastores — um bando gárrulo de moços e de moças — ellas, coroadas das primeiras flores, elles mordendo nos primeiros figos.

Os curraes — as portas abertas de par em par. Os meninos das casas, nús como semi-deuses com ramos de oliveira em punho, giram perto da fonte, cantando e rindo, com as mãos dadas, em circulo, formando uma arrecada de cabeças louras.

O sol vae-se tambem a passo brando, como um touro farto — farto de ter pastado um dia inteiro pela terra e pelo ceu.

✡

Aponta a primeira estrella quieta, sem brilho ainda — timida como uma criança que espera retirar-se o velho para saltar e rir.

Outra surge — e de repente, como um jogo de balança, quando a concha do sol mergulha, levanta-se a da lua.

O gado recolheu-se. Afinam-se no campo as lyras, frautas preludiam rapidos gorgeios. Treme uma voz entre os myrtaes de perto. Longe uma rapariga garganteia. Uma ri, outra fala; bale uma ovelha em torno de um menino — e tudo se harmonisa, e tudo se aviventa — cresce, recresce e se avoluma... e de repente, no campo

virginal da ingenua Arcadia, rompe um valente concertante alegre.

Não ha lecytho — ha folhas. Uma moça conduz o cantaro, outra offerece o mel. Provam primeiro os velhos e passa depois á banda juvenil.

Recomeçando a musica, duas moçoilas saltam em pleno circulo. Olham, levantam devagar os braços, dobram-se n'uma curva acrobatica de torso, mostram os pequenos pés nervosos e sahem dançando triumphalmente, por aqui e por alli como duas abelhas namoradas.

Dançam mais forte ao compasso das palmas das crianças e da grande orchestra pastoril, — feita dos instrumentos e das vozes doces, repassadas no eburneo teclado daquelles dentes brancos.

Essa que mais se lança, essa que mais se agita é Hermia, a dona dos mais bellos olhos em toda a região. Um só, Bactylo,

teve a ventura de vêr aquelles olhos tristes! Tristes aquelles travessos olhos que nunca se annuviaram nem pelo amor, nem pelo odio.

Nem um só pastor por fóra.

Portas fechadas. Andam os egypans pelos caminhos trocando chufas com as hamadryadas.

Em cada rosa aberta um par de azas fechadas — azas de borboleta, — a flôr errante.

Ouve-se a frauta de Pan soluçando o nome de Syrinx, no meio do caniçal undante.

Uma oreada no alto de um outeiro tece um césto com filamentos de lua e perfume de flôres.

Cotyto morde os beiços estorcendo-se de volupia, n'um ricochete frenetico de membros, vendo um escaravelho amoroso abrir as azas para cingir um lyrio.

Hebe, de flôr em flôr, espreme no cyatho de diamante o delicado nectar dos deuses.

Ha, no murmurio da natureza, uma solenne musica mysteriosa — especie de offego rythmado — mistura de ancia e de goso, de sensualidade e de dôr.

Purissima anacreontica das arvores! Epopéa nocturna da fecundação!

Uma sombra, outra — unidas, muito unidas — descem em direcção ao rio. Duas napéas fugindo batem de leve n'uma parasita e um beija-flôr accorda. Accorda e vôa estonteado... Hermia passa... Levado pelo perfume das flôres da sua cabeça, elle esconde-se, aconchega-se e fica-lhe nos cabellos como se fosse a antiga parasita.

A' borda d'agua Bactylo e Hermia, um ao lado do outro, mudos, encarcerados no pudôr olham-se mas olhando as sombras reciprocamente. Ella sorri para a agua e a agua limpida sorri para elle... e depois retribue o sorriso

Emquanto a multidão capripede cabriola n'um tiroteio de flôres com as nymphas...

a agua silenciosa ora parece rir, ora beijar.

. . . .

Depois?...

O beija-flor assustado levantou o vôo para longe e uma nayade appareceu á flôr do rio...

Cupido, o vagabundo, encostado n'uma larangeira, ria... sacudindo nas mãos todas as flôres que coroavam a pastora.

... E Bactylo... Bactylo disse-lhe n'um beijo:

— D'ora ávante seremos dous a apascentar. Eu... o rebanho...

— E eu?

E os dous olhos n'agua olham para Bactylo.

— Tu?... Vem com o teu amôr pela manhã da mocidade... abebera-o na corrente da minha vida, espalha-o pela minha existencia como por um prado. Tral-o á collina do meu coração... e deixa-o dormir no aprisco da minh'alma, com o balido de teus beijos... sempre! sempre! sempre!

JESUS DE NAZARETH

Perto da fonte, sob uma abobada de verdura fresca, Maria, irmã de Martha, a mais delicada e ingenua moça da Bethania esperava o nazareno que vinha de longe, por entre alas de loureiro e murta.

O sol morria na extrema do horizonte. Bandos de lavradores, ao lado dos bufalos suarentos, sentados nos varaes dos carros vagarosos cantavam descuidadamente, sob os ultimos clarões purpureos que desciam do azul do ceu pacifico.

De espaço a espaço ouvia-se um balido manso surdindo d'entre moutas de eloendros, como uma nota perdida do madrigal vesperino. Cabras e carneiros desfilavam — raparigas morenas, de branco, subiam

pela encosta da collina carregando aos hombros amphoras vermelhas.

✡

— Salve, Jesus de Nazareth!

— Salve, Maria! — respondeu o Christo, com um sorriso terno, beijando a fronte immaculada da moça donzella.

E os dois, as mãos unidas, graves, meditativos, subiram pela vereda olente, conversando baixo, n'essa linguagem musical, suave, exclusiva dos namorados.

— Em que pensas, Maria?

— Em vós, senhor. E outro não é o motivo da tristeza que ennoitece minha alma.

— E d'onde vem essa tristeza, filha?

— E' que sei de uma mulher, Jesus, uma mulher formosa que se approxima de vós tão de continuo que os vossos cheiros se confundem. Juro, meu bom senhor, que ora ella expande dos seus cabellos negros o perfume dos oleos que levastes quando

d'aqui sahistes. E, se não me engano, esse que agora tendes, meu Jesus, pertence-lhe.

— E que mulher é essa que me rouba os teus mimos e enche-te os olhos d'agua?

— A mais formosa d'entre as mais formosas, a morena seductora, dona dos olhos de veludo, dona da bocca debruada a purpura, dona do vosso amôr—a Magdala.

— Filha, disse Jesus, se salvasses da borrasca um passaro, sem ninho, sem abrigo, não terias amôr ao pobresinho?

Maria levantou os olhos para o Christo e, fitando-o, entre lacrimosa e tristonha, respondeu-lhe:

— Mas porque razão não a salvastes, meu senhor, sem esquecer-me? Porque pregais o Bem a toda a gente e apenas praticais o mal commigo. Porque razão abristes vossos olhos onde eu fui lêr, pela primeira vez, o Cantico dos Canticos? Antes de ver-vos eu não me affligia mas, se não vos vejo agora, desespero. Sois, bem m'o diz o coração ancioso—o Messias—que minh'alma, ha tanto, espera. E que

maior adoração quereis? Fiz do meu corpo um templo para adorar-vos exclusivamente. Fiz dos meus labios cythara sonora, cirios dos meus dois olhos, dos meus cabellos — ouro, para espalhar-vos pela fronte, dos peitos aras perfumadas sempre e, para commungardes, meu Jesus, offereço-vos a minha bocca — o calix, e, n'um só beijo, como n'uma hostia, toda a minha alma branca e immaculada. E, se viestes do ceu para salvar o mundo, porque tambem não me salvais, Jesus?

O nazareno repelliu suavemente a virgem e, volvendo os olhos para o ceu balbuciou, pela primeira vez, quasi vencido, sem animo de voltar-se para ella, tremulo, sentindo-lhe o halito perfumoso acariciar-lhe a nuca:

— *Eli, Eli, lamma sabacthani?*

PARA O INVERNO

Estava a expirar o outono — os celleiros regorgitavam. Nos campos rasos, doirados de sol, cantavam sobre os restos da seara, as cotovias alegres. Nos vinhedos, sobre os varaes empampanados os melros joviaes chalravam hilaremente.

Manhãs deliciosas, ceu azul, limpido, sereno; dava gosto sahir do leito cedo, antes do nascer do dia, quando a lua mansa branqueava ainda os prados para ir esperar no monte o primeiro venabulo do sol e o dispertar canoro de toda a passarinhada.

A gente da lavoura começava a tocar para os casaes os bois possantes que tiravam os carros de trigo, as abegoarias

enchiam-se de charruas e de arados; os que tinham colhido os pèndões flavos dos trigaes partiam agora de machado ao hombro ou de foice e iam buscar lenha aos montes, porque á tarde, pela hora do Angelus, começavam a apparecer, toldando a diaphaneidade do ceu, cumulus alvissimos, boiando no espaço como *icebergs* suspensos.

A aldeia preparava-se para receber os gelos.

Os passaros timidos, advinhando a chegada das noites longas, despediam-se dos ninhos cantando sentidamente madrigaes sentidos.

As velhas, conhecedoras do tempo falavam, com terror, do inverno que vinha, annunciando que não ficaria uma só folha nas arvores e que os montes se cobririam de gelo e viveriam dentro de uma redoma espessa até o dia em que, apparecesse no campanario a andorinha trinçante, nuncia da primavera, dando a esperança da fuga do inverno como outr'ora a pomba da arca

deu á Noé a boa nova do abaixamento das aguas do diluvio; outras iam aos armarios, tiravam a roca e preparavam-n'a para os insipidos e prolongados serões do inverno.

Um velho octogenario, um pobre velho de longos cabellos brancos e alva barba comprida, o tio Anselmo, sorria quando lhe falavam de Dezembro e, se alguem dizia que se fosse prevenindo o velhote, encostava o queixo no cajado e sacudindo a cabeça murmurava:

— Que me previna! Que me previna!... Previnam-se vocês e deixem-me. E sahia a cantarolar tranquillamente.

Um pastor, passando uma vez ao meio dia, junto da cabana do tio Anselmo, encontrou-o entretido, a regar um canto da sua pequenina horta, justamente onde não havia plantas. Era junto á porta da casa.

Tio Anselmo cantava molhando a terra e dois passaros, talvez os ultimos que

andavam ainda pela aldeia, despedindo-se dos ninhos, no alto de uma gingeira, cantavam tambem.

O pastor estacou diante do velho admirado de não ver planta e estar alli a pobre creatura a entornar regadores a ponto de fazer lama.

— Eh! tio Anselmo! Que é que vosmecê está a regar? a sombra da gingeira?

O velhote levantou a cabecinha branca e fitou longamente o pastor, sorriu, baixou os olhos e continuou a regar, cantarolando sempre. Depois, pondo a um canto o regador disse, esfregando as mãos:

— Estás espantado porque me vês regar um pouco de terra onde não ha plantas?

— De certo...

— E' para o inverno...

— Para o inverno!?

— Sim. Se eu te dissesse o que tenho aqui plantado!...

— Diga, tio Anselmo... Diga!—insistiu o pastor.

— E' um segredo. Se eu te disser, dentro em pouco toda a gente da aldeia estará a imitar-me. E' para o inverno.

— Diga, tio Anselmo...

— Não... não. Tu não guardas segredo.

— Juro! Ninguem saberá.

— Pelo tumulo de tua mãe?

— Pelo tumulo de minha mãe!

— Bem, então ouve cá. E tomou o pastor pela manga do gabão. Sabes o que tenho aqui enterrado?

— Não, tio Anselmo.

— Um raio de sol.

O rustico deu um salto para traz, espantado.

— Não te espantes, meu filho. Não sabes que as sementes dão fructo? Nunca viste plantar-se uma videira? Então? Que é o raio de sol senão uma semente da claridade? Quem planta um raio de sol póde vir a colher dias de calôr, muitos dias de calôr. Eu, uma manhã, foi em pleno estio, vindo repousar á sombra d'esta arvore, vi um formoso raio de sol

na leira. Estive a brincar com elle muito tempo e, de repente veiu-me a idéa de plantal-o. Sim, de plantal-o para colher, durante o inverno, as luminosas flôres. E que melhor lareira, pastor? Quando vocês estiverem estrebuchando de frio eu estarei aqui, debaixo da minha arvore de luz, illuminado e quente, rodeado de calhandras, de pardaes e de toutinegras, porque todos os passaros immigrarão para o meu jardim, onde haverá sempre um pouco de calôr para os pobres. E todos da aldeia hão de vir pedir-me flôres de sol e sementes da arvore acalentadora... e eu darei. Ahi tens a razão porque estou regando esta terra sem plantas — é que tenho aqui a minha lareira para o inverno. E tomando o regador, a cantarolar, o velho pôz-se de novo a encharcar a terra.

✡

Inverno! As velhinhas da aldeia tinham dito a verdade — inverno rigoroso!

Os montes cobriram-se de gêlo, cahiram todas as folhas das arvores — á noite ninguem ousava sahir ao campo. O vento uivava sinistramente e os lobos transidos desciam das serras procurando abrigo junto aos curraes onde os rebanhos baliam.

Em todas as cabanas, mal o triste sol afundava, accendia-se fogueiras, toda a gente cercava a lenha, toda a gente procurava a braza. Os pastores, não podendo supportar o rigor do frio fugiam para os casaes e, ás vezes, no meio da noite, ouvia-se o tilintar do chocalho de alguma ovelha que abandonara o aprisco montesino e procurava, a balir, um canto mais ao abrigo do vento incisivo.

Rigoroso inverno! As velhas tinham dito a verdade.

O tio Anselmo desapparecera — ninguem o via — elle que não passava um dia sem visitar todas as casas, sem ir ao presbyterio ajoelhar-se diante de Jesus, sem esperar as creanças conductoras de ovelhas que lhe pediam a benção antes da

partida para os valles. O tio Anselmo não apparecia.

Uma noite, como perguntassem por elle, o pastor que o encontrara regando a terra sorriu.

— O tio Anselmo! Perguntam pelo tio Anselmo!? O velho é mais esperto do que qualquer um de nós. Emquanto a gente cuida em rachar troncos, em apanhar gravetos durante o dia para fazer as fogueiras da noite, elle lá está na sua horta, gozando do calôr que lhe dá uma arvore de sol que abre flôres de luz.

— Uma arvore de sol! — exclamaram todos a um tempo.

— Sim, porque o tio Anselmo, em fins do estio, plantou na sua horta um raio de sol que a esta hora deve estar crescido e cheio de flôres do tamanho de estrellas.

Os camponezes, ouvindo a singular narrativa do pastor, puzeram-se de pé, tomaram dos cajados, dizendo em côro:

— Vamos ver a arvore de sol... Vamos! Vamos vel-a! Um accendeu a lanterna e

sahiram todos para o campo gelado, tiritando, emquanto a neve diaphana cahia sem bulha, amontoando-se em comoros brancos.

O grupo corria, precedido pelo pastor que, de quando em quando, alongava os olhares para vêr se conseguia avistar a claridade da arvore do velho... e nada ao longe!

Afinal chegaram. Um empurrou a cancellinha da horta e entrou... tudo em sombras.

O pastor foi direito á leira para onde fez convergir a claridade da lampada. No lugar em que o velho plantara o raio de sol havia um monte de neve e, ao lado estendido, hirto, regelado, o tio Anselmo, o triste sonhador da aldeia. A luz não medrára, a semente de sol não conseguira resistir á neve.

Os rusticos estiveram longo tempo a contemplar o velho e voltaram depois correndo, batidos pela granizada, açoitados pelo vento e junto das fogueiras das

cabanas puzeram-se a commentar o caso triste.

Alguns zombaram da credulidade do velho, só o pastor, taciturno e tristonho murmurava:

— Murchou... murchou a flôr de sol... Esperança... esperança!... E quantos morrem como o tio Anselmo! A flôr de sol murchou... Pobresinho do velho que morreu de frio!...

LAGRIMAS DE NOIVA

Alba, a bôa fada protectora das noivas, Alba que mora na pupilla azul das virgens sem peccado, passando uma manhã junto de uma camelia, ouviu o seu nome pronunciado por tres gottas tremulas. Approximou-se e, pousando no coração da flôr, perguntou carinhosa.

— Que quereis de mim, gottas brilhantes?

— Que venhas decidir uma questão — disse a primeira.

— Propõe-n'a.

— Somos tres gottas differentes, oriundas de diversos pontos; queremos que nos digas qual de nós vale mais, qual é a mais pura?

— Pois sim. Fala tu mesma.

E a primeira gotta tremula falou:

— Eu venho das nuvens altas — sou filha dos grandes mares. Nasci no largo oceano antigo e forte. Depois de visitar praias e praias, depois de andar envolta em mil procellas, uma nuvem sorveu-me. Fui ás alturas onde brilha a estrella e, rolando de lá por entre raios, cahi na flôr em que descanso agora.

Eu represento o oceano.

— Agora é a tua vez, gotta brilhante; — disse a fada á segunda.

— Eu sou o rocio que alimenta os lyrios; sou irmã dos luares opalinos, filha das nevoas que se desenrolam quando a noite escurece a natureza.

Eu represento a madrugada.

— E tu? — perguntou Alba á mais pequena.

— Eu nada valho.

— Fala: de onde vens?

— Dos olhos de uma noiva. Fui sorriso, fui crenças, fui esperança; mais tarde fui amor... Hoje sou lagrima.

As outras riram da pequena gotta, Alba, porém, abrindo as azas, tomou-a comsigo e disse :

— Esta é a de mais valor ! Esta é a mais pura.

— Mas eu fui oceano !

— E eu fui athmosphera !

— Sim, tremulas gottas, mas esta foi coração. E desappareceu no azul levando a gotta humilde.

FRUCTOS DO CEU

Bem singular, bem triste a historia do camponio errante. Nos campos, quando elle apparecia, vinham moços e moças, pequenos e velhinhos ouvil-o contar a historia das estrellas.

A historia das estrellas! pobre camponio errante.

Pelo inverno rigoroso, quando a neve cahia, o pequenino idiota sahia para os caminhos tiritando e ficava a noite inteira ao vento colhendo nas mãosinhas os frocos de geada, e, quando lhe perguntavam porque ficava as noites fóra, á neve e ao vento, respondia tristemente: — colho estrellas.

Pela primavera o pequeno idiota tinha saudaded a neve e então, para consolar-se,

punha-se a mirar as tremulas estrellas e apontando-as dizia :

— Aquella pequenina que alli está, no proximo Dezembro frio, virá cair na concha dos meus dedos. Aquella outra, a grande, não está em tempo ainda; aquella só para o outro anno. Ha muitas verdes, muitas... muitas... Quando vier o outono das estrellas todas amadurecerão.

E, consolado com esses pensamentos o pequenino idiota adormecia.

A lua era o seu sonho. Ah ! se a lua cahisse ! E o pequeno fixava os olhinhos no astro mysterioso, branco como uma bola de neve.

✲

Foi rigoroso o inverno de Dezembro. Morreram carneirinhos na montanha, pastores fugiram para as aldeias, tremendo de frio, com os gabões molhados de nevasca, as arvores ficaram cobertas de carambina e nos campos, grandes stalagmites de

gêlo hirtas, hyalinas eram como vergonteas de uma flora de crystal phantastica.

O pequeno exultava. Que grande colheita de estrellas ia elle fazer por esse mez inteiro de geada! Que grande e rica colheita! As velhas fiandeiras, durante os serões das noites gemedoras, nas salas das cabanas, ao calôr das fogueiras, ouviam a voz dolente do idiota e diziam baixinho:

— La vai a pobre creancinha para a colheita da neve.

*

A neve, n'essa noite, cahia abundantemente — as collinas estavam cobertas e as aguas dos corregos quasi crystalisadas. O pequenino batia as palmas de contente e a um pastor retardatario que descia da montanha regelada elle disse a sorrir:

— Germano, hoje é a grande noite... Hoje é a grande noite! A lua, vês? a lua está madura e vai cair, Germano. Espera um pouco para veres a lua. E tiritando, mostrou as mãosinhas roxas, cheias de neve clara.

— Estrellas de hoje, Germano.

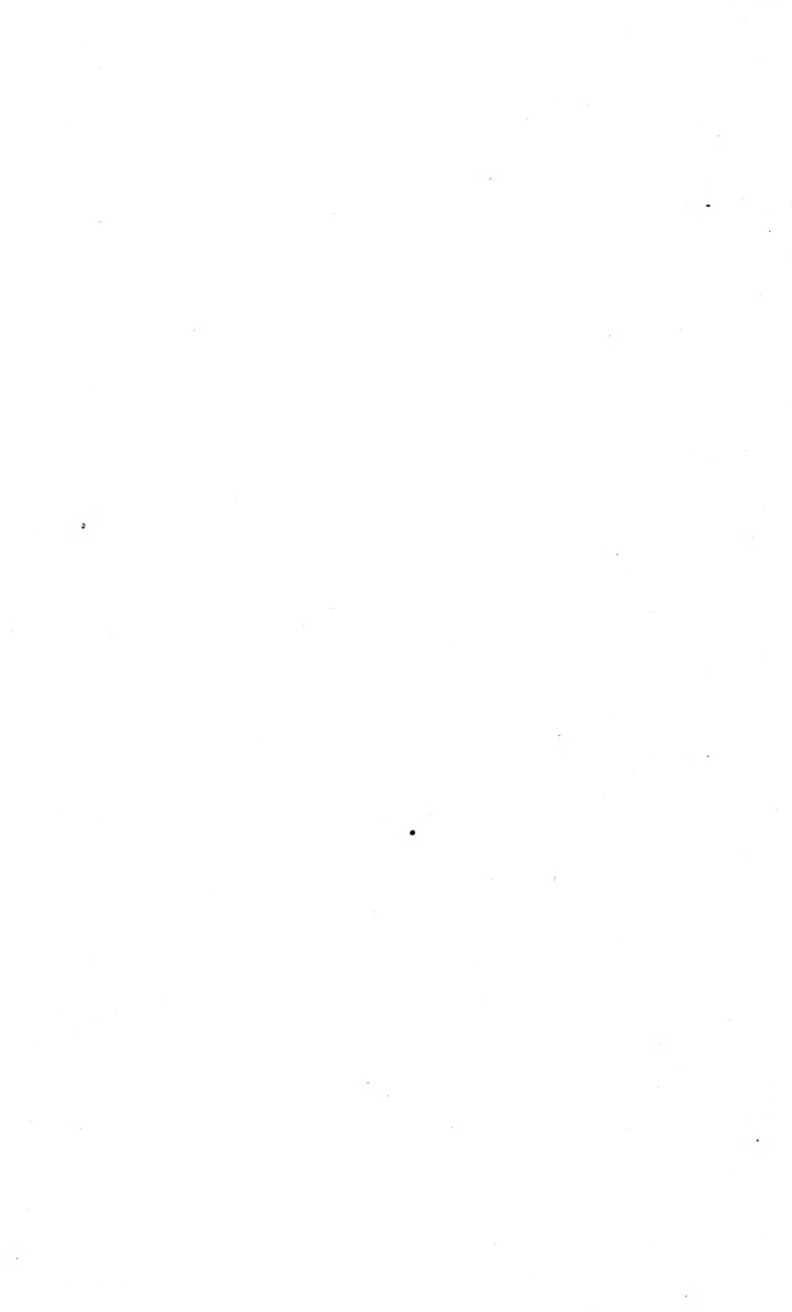
O pastor passou adiante e o pequeno ficou para esperar a lua.

✡

Ao nascer d'alva, um carreiro, passando pelo caminho escuro dos pinheiros, ouviu gemidos tristes. Parou os bois robustos e poz-se a procurar a victima. Andou de canto em canto furando a neve com o seu cajado até que, depois de grande azafama, conseguiu descobrir o pequenino idiota quasi inteiramente coberto por um comoro de neve.

Levou-o para uma herdade proxima e accudindo-lhe com confortivos, aquecendo-o a um fogo activo de pinho, conseguiu chamal-o á vida.

O pequenino abriu os olhos doces, sorriu para a caseira que o animava carinhosamente mas, descobrindo o pastor Germano entre a gente da herdade, ergueu-se e agitando as mãosinhas, exclamou :

— Então, Germano! Então, Germano! Que te disse eu? a lua cahiu esta noite. Vai vel-a no campo, vai vel-a entre os pinheiros, lá onde me foi achar o carreiro da herdade. Vai vel-a. Mas, de repente, desatando a chorar poz-se a dizer baixinho, com o rosto nas mãos: Que ha de ser de mim agora!... Que ha de ser de mim... não ha mais fructos no ceu... o ceu não tem mais fructos!

SOROR FABIA

O tribunal monastico ia julgar a peccadora accusada de um crime nefando.

Em torno da mesa, freiras, velhas e moças com os rosarios no collo, os capuzes cahidos, o rosto baixo, oravam pela criminosa.

Ardiam cirios em tocheiros enormes e o sino do convento, de vez em vez, plangente e funebre, soltava um melancholico gemido de bronze.

O martyr Jesus era o juiz que do alto do negro cruzeiro presidia o julgamento.

✲

Soror Fabia, de joelhos, esperava a sentença.

A um canto da sala ardia um brazeiro estalidante.

A um tempo as freiras todas persignaram-se — houve um ruido sinistro e os rostos pallidos das ascetas voltaram-se para a condemnada.

Nem uma palavra, nem um movimento.

A braza, unicamente a braza, estalava de quando em quando vermelha e sinistra.

A um gesto da superiora quatro monjas ergueram-se e dirigindo-se a soror Fabia, em nome de Jesus, fizeram-n'a sentar-se em um grabato. Tomaram-lhe os pequenos pés brancos e côr de rosa na palma — tomaram-lhe os pequenos pés emquanto uma velha corria ao brazeiro para examinar a espátula candente.

O sino gemia de momento a momento.

— Confesse, soror Fabia! — exigiu a superiora. Accusam-n'a de um acto iniquo,

accusam-n'a de um peccado revoltante. Confesse, soror Fabia!

☆

A victima sorria.

Uma pancada secca sobre a mesa foi o signal da superiora. A velha freira tomou a espátula do brazeiro e acocorando-se encostou-a na palma côr de rosa do mimoso pésinho da peccadora.

A carne chiou e a espátula, á força da pressão, curvou-se.

A victima sorria.

☆

— Confesse, soror Fabia! — tornou a superiora friamente.

Nem uma palavra; os olhos apenas, fixos no juiz crucificado pareciam pedir perdão.

A executora aqueceu de novo a espátula e damnada applicou-a ao outro pé da freira.

As lagrimas saltaram-lhe dos olhos... e a misera sorria.

— Confesse, soror Fabia!

✡

Um gemido repercutiu na sala baixa e lobrega, e a freirinha, lavada em pranto, falou soluçando:

— Abraza! o ferro do supplicio abraza... mas ainda é pouco, irmãs religiosas, é muito pouco ainda, para obrigar-me a soltar o meu segredo. Mais queima um beijo — eu recebi um, foi em tempos que vão longe! entretanto abraza-me o coração, abraza-me ainda a alma esse primeiro e unico que recebi na bocca. Apezar de queimar com mais intensidade não confessei que o amava, amando-o como a minha melancholia de hoje affirma.

✡

E vós, religiosas... e vós, boas irmãs, exigis que eu o denuncie queimando

apenas as plantas dos meus pés a fogo lento. Incendiai meu coração! Incendiai minh'alma que nem assim o sabereis! Nas cinzas do meu corpo não descobrireis o nome do que amo, irmãs.

Nunca descobrireis!

Dizendo estas palavras cahiu desfallecida no grabato.

Foi justiçada á noite, á hora da meia noite, porém nunca as velhas monjas conseguiram saber quem era o cavalleiro, o moço cavalleiro, que pelo tempo dos luares vinha cantar amores debaixo da ogiva escura da cella de soror Fabia.

A PEROLA

Certa manhã, Amor, andando a correr os bosques viu, ao primeiro clarão do sol, em uma branca petala de magnolia uma gotta brilhante de rocio. Limpida e tremula a pequenina gotta, dentro do seio immáculo da flôr era como um coração sem nodoa de peccado.

Amor, menino e trefego, colheu a petala mimosa e outra igual para resguardar a lagrima da aurora dos calores do sol rispido e ardente.

E foi pelos bosques sem destino, frechando aqui, frechando alli, deixando como rastros da sua passagem, maguas nos corações, idylios n'alma.

A' beira mar parou.

Parou para ouvir o casto e candido jeremiar das aguas e o soluço constante das espumas que nasciam nas ondas e que n'ellas morriam.

E pôz-se a seguir o rumo das gaivotas que se levantavam do mar como espumas aladas.

Depois fechou com uma petala a outra petala. Dentro a gotta tremia como um coração pulsando.

Amor juntou as petalas, largou o escrinio nas ondas e quedou-se a vel-o fugir boiando á verde flôr dos mares mansos.

Annos depois, em praias da Sicilia, estando Amor á sombra de um penedo a espera de uma nayade, viu vir boiando á flôr dos mares mansos uma concha de alvura incomparavel.

Lembrou-se então das petalas da magnolia.

Saltou ao mar, tomou a concha e abriu-a em procura da gotta de rocío mas, agazalhada como estava outr'ora a gotta d'agua

Amor, o curioso, achou uma mimosa perola.

Contam navegantes phenicios que, pela primavera, os mares gregos ficavam brancos de petalas de flôr.

Uns attribuiam o phenomeno á intervenção das nymphas, outros ao capricho de Eolo, outros ainda á garridice de Amphitrite.

Um pescador siciliano foi o unico que disse a verdade:

« Era um menino louro que pelo tempo das magnolias corria os campos, ao clarão d'alva, colhendo e colhendo flôres para juncar o mar com ellas.

« Algum voto a Neptuno, concluia o pescador siciliano. »

. . . .

Só então começaram a apparecer as perolas.

CHRISTO EM CAPHARNAUM

— Jesus de Nazareth! — gritavam os lazaros.

— Jesus de Nazareth! — bradavam os cégos.

E o rabbino passava vagaroso.

Aqui um velho tropego se erguia, um cégo, de repente, abria os olhos; os leprosos ficavam sem feridas, os aleijados atiravam para longe as muletas inuteis e mais aleijados vinham, tentando caminhar sem os arrimos, bambos, caindo, tremulos, com um toc-toc de muletas toscas dando de braços e gritando pelo simples Jesus, filho de Deus.

E o rabbino sereno estendia a mão benefica curando.

— N'isto entrou na synagoga uma pequena de Galaad — a verde. Triste, os olhos grandes humilhados, soltos os bastos cabellos, sem sandalias nos pés. Vendo Jesus, o medico divino, foi cahir-lhe aos pés chorando e disse :

— Jesus... curai-me por quem sois ! Dai-me de novo a paz que já não tenho... Dai-me socego d'alma e allivio ao peito. Vêde que me definho lentamente !

E beijando os pés poentos do piedoso missionario sancto humedecia-os de lagrimas ardentes.

Uma mulher de Samaria vendo a creança aos pés do nazareno, avançou para ella com os punhos cerrados, feroz e indignada :

— Sai-te, rã dos pantanos ! Que molestia tens tu ? Vai-te d'aqui, damnada !

Jesus porém, meigo, piedoso e bom impondo a mão á fronte da creança protegeu-a benigno.

— Deixa-a, samaritana. Ella que me procura é porque tem alguma enfermidade. Deixa-a !

— E baixando os olhos e enternecendo a voz, perguntou á pequena :

— De que mal soffres, minha filha ? Fala.

— Jesus, as noites passo-as sem cerrar os olhos, os dias correm sem que eu ache o riso — soffro de um mal secreto. Meus tristes olhos vêm, em toda parte, uma sombra perseguidora — nas aguas das correntes, nos rosaes, nas estrellas, na treva e nos luares, durante as noites e durante os dias.

— Tens remorsos, pequena ?

— Não, Jesus...

— Então ?

— Amo...

O Christo cravou os olhos no mosaico, conservou-se calado muito tempo, meditou profundamente e subito, falando aos que o cercavam, disse :

— Vêde, esta creança que eu acaricio, soffre mais do que todos vós, meus filhos.

— E' mentira ! — bradaram.

E a samaritana adiantando-se bruscamente perguntou furiosa :

— De que soffres, vadia ?

— De amor, disse o calmo Jesus.

E, pensando em Magdalena, balbuciou, fugindo do tumulto :

— O amor... só o amor o salva. Um coração não tem luz propria, recebe a vida de outro coração. Como curar a enfermidade d'alma? E depois de pensar : — Pequena, vai-te! O remedio que me pedes está na bocca do teu namorado. O que não te posso dar—a cura—um beijo, um beijo só, um só, dar-te-á. Vai-te.

E sahiu pensativo, acclamado e seguido pela multidão curada.

EDELWEISS

Tácita brancúra! Lucto niveo do inverno!

Hyalico sudario extenso envolve a planicie inteira. Tremem no espelho frio as sombras hirtas dos esqueletos das arvores.

Neve por toda a parte!

As aguas cantantes dos regatos, as gottas perennaes das fontes foram petrificadas. De rumores só o zunido do vento e o trino do graniso estellidante.

De quando em quando um corvo corta a mussellina da garôa e some-se. O horizonte approxima-se.

Nem um pastor! Os casaes, embuçados no gêlo, espreitam como enormes ursos brancos. Os floccos, cahindo sempre, vão formando pyramides. Infinita solidão alva,

sinistra e muda estende-se, alonga-se, regeladissima sempre!

N'esse isolamento frio subsiste uma flôr — a edelweiss da steppe. A neve cae constantemente, zimbra e rufla a ventania e ella vive, viçosa sempre, pequenina e forte na infinita tristeza da invernia.

Como esse deserto nú e devastado tenho o meu coração constantemente.

As tristes desillusões enchem-n'o todo, melancholias apertam-n'o transindo-o, maguas pesadas matam-lhe as esperanças— nem uma só de pé — restam apenas os desenganos, esqueletos de antigos ideaes.

O que ainda o anima, o que lhe empresta algum conforto é o teu amôr que é como a edelweiss dos gêlos, vivo sempre, sempre! na tristeza hibernal do meu coração magoado.

PRISIONEIRO

Coração! Coração! Triste prisioneiro eterno! Vive constantemente a bater de encontro ás paredes do carcere que o encerra sem conseguir jámais uma sahida. Dia e noite trabalha. Prestando attenção ouvimos continuamente o ruido da faina do galé, continuamente ouvimol-o gemer e não nos commovemos, e não nos apiedamos.

Uma luz allumia o carcere trevoso — é a alma, candeia sempre accesa, atirada a um canto da prisão para aclaral-a e aquecel-a. A's vezes pelos olhos, como por duas lucarnas, entram raios de sol e o prisioneiro trabalha com mais animo, aquecido pela luz vibrante e tepida.

Levamol-o comnosco a toda a parte — elle é que nos regula a marcha, elle é que nos determina tudo — o carcere obedece ao encarcerado.

Dentro do funesto asylo, acocorado a um canto do corpo — essa ignominia — o coração, como Sylvio Pellico, compõe as suas saudades, aproveitando todas as melancholias e todas as amarguras. A obra da Humanidade é quasi toda devida ao triste prisioneiro. Elle é o Prometheu da materia — um abutre, o amôr, lacera-o de instante a instante e é do sangue que escorre das suas feridas que têm surgido as apparições meigas como Cordelia, mansas como Imogenia, languidas como Julieta, loucas, sentimentaes como essa harmonia dolente, nympha depois de morta, depois de morta deusa — Ophelia, a victima encantadora da paixão, morta sem o baptismo purificador do beijo.

*

Entremos vagarosamente no carcere.

Alli, ao canto, o galé trabalha. Mais devagar! Mais devagar! não o interrompamos. Parece que elle nada tem feito, parece que ainda não conseguiu vencer um ponto, entretanto, ha um acervo enorme junto d'elle... quanta destruição! quanta cousa inutilisada! Nem era possivel que elle, batendo, ha tanto tempo, não conseguisse fazer alguma ruina.

Ha alli saudades, esperanças quebradas, illusões e illusões em mil pedaços...quanto amôr destruido e que quantidade de crenças incineradas. E elle continúa a bater — o carcere resiste... a lucta augmenta... é que a sentinella, no alto do torreão onde o pensamento habita, não tem tempo de embargar a entrada a tudo. A agonia, a dolorosa agonia que espreita o prisioneiro, desce como um lacrau e morde-o covardemente.

O misero, sentindo-se ferido geme e todo o carcere repercute o seu gemido e para fugir ao venenoso inimigo, redobra

de esforço, exhaure-se e ás vezes fica banhado em copioso suor, tão copioso que quasi sempre rebenta em punhos pelos olhos.

A agonia sóbe quando um raio de luz mais forte invade o carcere — o triste descança então, parece que se recolhe um momento emquanto a alma visita a enxovia seccando com o seu calôr a humidade da lagrima.

Outras vezes, porém, está o desgraçado no seu trabalho eterno e alguem canta em torno do carcere — o emparedado escuta, deixa um instante de pensar na evasão, entrega-se todo á musica, dá-se inteiramente á cavatina. E' o amôr que passa, é o amôr que o visita.

Agora, por exemplo, como o galé se humilha, como se achega á muralha da prisão, como procura a alma para allumiar a cova. Encolhido como está parece Caliban na brenha... entretanto... alguem que se approxime d'elle, alguem que o ouça, Ariel, o aereo, não cantava com

mais doçura. A musica que passa é a serenata do amôr — é o que lhe dá vida, é o que lhe dá força; outro prisioneiro conversa da sua jaula com elle; falam-se, a principio, rapidamente, approximando-se, estreitam a amisade e ficam, como este agora, que não póde trabalhar na sua cellula sem ouvir o ruido do trabalho do outro.

Este levissimo som que vibra ainda parece uma nota de cythara — é a descida da refeição no beijo; foi um beijo que desceu, para trazer alimento á victima... Como o forçado se anima, como se fortifica!

✡

Não ha perdão para elle. Foi lavrada a sua sentença: eterna carceragem. Perguntarão: — Como póde viver o desgraçado preso na cafurna infecta do corpo? vive sonhando, vive sonhando com o seu ideal, e é por isto que elle procura fugir, e é por isto que elle bate dia e noite, incessante-

mente, desesperadamente nas fortes paredes do corpo, procurando abrir passagem para alcançar o seu sonho.

Mas não consegue. Em alguns o mineiro preso cava profundamente na sensibilidade, em outros bate apenas sem conseguir arredar um ponto das muralhas.

Quando a fadiga o vence, o misero deita-se no seu leito de saudade e recorda o passado escuro, o triste passado de ancias e de desesperos, na ferruginea prisão onde vermina a melancholia.

Na hora da desesperança, já sem animo de continuar, o prisioneiro recolhe-se, suspende o trabalho e subito, com um sopro forte apaga a lampada da enxovia — a alma, e deita-se para todo o sempre, no seu carcere-tumulo, livre da magua, livre do amôr, descansado emfim da allucinação obcecante do ideal.

A SENTENÇA

Amur, chefe de um bando de beduinos, teve noticia por um dos camaradas, de que Ibrahim seu filho conquistára a beijos Valinda, a favorita.

Amur, ciumento e barbaro, guardou-se para tirar vingança dos trahidores e, uma noite, como parassem junto das pyramides, na areia morna e fôfa de Ghiseh, Amur chamou á sua presença os dois.

Resplandecia no ceu claro o pallido crescente; o cheiro da mandragora excitava e, ao clarão vermelho dos archotes fumarentos, reluziam as compridas lanças dos cavalleiros do deserto, fincadas junto ás tendas.

Valinda, a ismaelita, approximou-se do scheick, humilde e triste, o rosto baixo,

os olhos lacrimosos, sem sandalias nos pés, um veu no rosto, os cabellos rolando pelos hombros.

Ibrahim, o trahidor, trazido por seis arabes possantes, appareceu depois.

Amur fumava, esticado voluptuosamente sobre um pello de leopardo — um nomade de alfange nú guardado junto ao peito, entre os braços cruzados, fazia sentinella emquanto uma mourisca impubere picava indolente uma mandora, cantando baixo.

A gente da caravana reuniu-se toda em circulo em torno do chefe. Os criminosos estacaram. A mandora deixou fugir a nota derradeira e a bocca da mourisca fez como a mandora.

— Ibrahim, falou Amur, erguendo-se sobre o cotovello — deu-me Allah o teu corpo, a tua vida e eu não quero desfazer-me do presente do Muito Alto. Tu, aproveitando-te da noite e dos teus annos assaltaste a bocca da mulher que eu amo. Entretanto quero ser clemente — perdôo-te.

Valinda estremeceu. O chefe continuou:

— Perdôo-te mas condemno-te a seres o carrasco da trahidora. Divide-a com o meu alfange em duas partes. Toma uma para ti, a parte que me roubaste, dá-me a outra, a que me cabe de direito.

E cuidado... Vamos...! Em duas partes bem iguaes... em duas partes! Toma!

E estendeu para o moço o seu rútilo alfange.

Ibrahim avançou e recebendo a curva lamina das mãos do chefe disse sereno e altivo:

— Queres que divída Valinda em duas partes? Seja! Nota, porém, que nós, diante do astro que brilha no alto azul, juramos ser fieis eternamente. Eu e Valinda não somos mais que um sêr. São dois os nossos corações porém o nosso amôr é um. Eu vivo dentro d'ella. Ella dentro de mim. Mas, já que exiges a divisão... espera...

E sacando da cinta de cachemira o yatagan marchetado ergueu bem alto o braço forte e, á claridade da lua, viram todos o ferro enterrar-se-lhe no peito.

O moço vacillou e, dobrando os joelhos foi cahir sobre o pello de leopardo, junto do pai espavorido soltando, ao cerrar os olhos, estas palavras finaes:

— Aqui tens a parte de Valinda que te pertence, pai... Lego-te a minha...

E com mão ensanguentada, incerta e tremula, mostrou ao pai e á tribu a ismaelita morena.

O ESPELHO DE BRIGANTIUM

— Hospitaleira gente de Brigantium, quero perpetuar o meu reconhecimento para que a todo o tempo saibam os deuses immortaes e os homens passageiros saibam. — Assim falou Hercules, o forte construindo junto do mar queixoso uma torre de pedra monumental e esplendida. No alto, o vencedor heroico de Lebreu, collocou com o proprio punho um espelho maravilhoso.

Náus que velejavam por longe, por muito longe, reflectiam-se no aço fulgurante.

Triremes que fugiam pelas aguas remotas appareciam milagrosamente no prodigioso espelho. Os habitantes da cidade

tinham sempre, perto dos olhos, os seus queridos que andavam ao sabor traiçoeiro do oceano — velas pandas ao vento, remos compridos n'agua, fugindo pelas ondas perfidas.

Namoradas iam, pelas manhãs serenas, consolar os olhos e suffocar saudades vendo os namorados que andavam muitas milhas affastados. Mães sorriam vendo os filhos á prôa, com os olhos voltados para o lado da terra natal, pensativos; creancinhas batiam as palmas reconhecendo os pais entre os marujos — e tudo o espelho de Hercules mostrava.

E sempre, sempre os de Brigantium tinham diante dos saudosos olhos os queridos do coração por mais longe que fossem!

✲

Assim eu, minha flor! Longe, por mais longe que estejas, minh'alma reflecte a tua imagem suave, o teu formoso rosto, o teu sorriso candido.

E, todo o meu coração com saudades e amor, crenças e melancholias, rejubila-se revendo-te, querida, como essa gente da cidade antiga se alegrava quando via os seus marujos viajeiros estampados no espelho que lhe dera Alcide.

A alma é o espelho, a saudade a sombra — sombra dos queridos, sombra dos desejados que nella se reflectem — quer a distancia os separe, quer os separem tumulos.

Nunca estás longe de mim, doce amôr, estás sempre commigo, vejo-te sempre em minh'alma... sempre! sempre! sempre!

ZAHURI

Longe os montes verdes e silencioso, claro, fugindo por entre os sobreiros, o rio manso onde os ginetes, afundados até o ventre, bebem á guarda de uma turma de escravos.

Distante, reluzindo ao sol ardente, Granada—a moura, bariolada como um aba de amir, entôa pela bocca dos muezzins a oração meridiana ao deus das fortes tribus da gente côr de sandalo. A voz passa de minarete a minarete e, no acampamento, embainhando as largas e curvas cimitarras brancas, fincando as lanças na terra, os mouros tiram os turbantes e caem de bruços, resando emquanto o amir, á porta da tenda de purpura, solenne, os braços

cruzados no largo peito, cabeça núa, firme, olha a formosa cidade longinqua com o olhar fixo, sereno e duro das aguias quando fitam o sol.

Subito uma voz estrugindo no campo quebra o encanto mystico do exercito anesthesiado pela oração: — Zahuri! Zahuri!

Os guerreiros debruçados levantam apenas o rosto da terra e espiam.

Um velho, estatelado no campo, entre as tendas, entre as lanças, olha estupidamente os meninos mouros que o cercam, gritando: — Zahuri! Zahuri!

Para qualquer lado que se volte encontra um impertinente que lhe grita, aos saltos: — Zahuri!

O amir olha algum tempo — depois, sem mover um passo, faz signal aos pequenos e o velho é immediatamente agarrado e conduzido á presença do chefe.

Apparenta uma idade de patriarcha, o misero.

Descem-lhe pelo peito magro e queimado longas barbas amarelias; os cabel-

los, cheios de herva e de espinhos — por que elle anda, quasi sempre a errar por entre as urzes dos montes — dão-lhe uma feição leonina á cabeça, mas, os olhos irrequietos, vermelhos, desorbitados, enormes, reluzem extranhamente nas orbitas como fogueiras ardendo á entrada de furnas.

— Zahuri! — diz imperativamente o chefe — tu que tens a faculdade de vêr atravez da terra e atravez do céu, tu que te sentas á borda dos tumulos e vês a carne desfazer-se no fundo da terra como eu vejo os peixes passarem nas aguas limpidas, tu que vês no coração da pedra o diamante, tu que és mais poderoso em vista do que as aguias valentes que olham do espaço e descobrem a presa nos valles — Zahuri, em nome de Allah! segue-me! Preciso dos teus olhos prodigiosos.

O velho, sem dizer palavra, curva a cabeça e segue e é o proprio amir quem affasta o byssus pesado das cortinas para que elle passe.

✲

Interior menos guerreiro que voluptuoso. Enredam-se em sanefas, circulando a tenda, a cachemira, a purpura e o damasco. Armas de apurado lavôr, mais de mimo que de combate, aos feixes, em panoplias, reluzem por toda a parte. Flôres, em vasos de bronze bysantino, abrem corollas rubras—outras, pequenas,espalham um perfume activo. Incensorios enfumaçam de arôma o harem e, uma gazella familiar, com o dorso coberto por um panno de sêda e ouro, de pé, a um canto, mira-se namoradamente no aço polido de um escudo.

Por aqui quadros de amôr, instrumentos mouriscos dispersos por alli: cannas de flautas, arrabís, mandoras, o repábil do chefe, adufes engrinaldados e mandolinas de ébano e de sandalo. Pavilhões musulmanos e no centro, preso por um nastro de sêda, o crescente de prata cravejado de pedras.

Em altos tapetes de felpa macia rubros, côr de laranja, alvissimos as mulheres do amir, sentadas sobre as pernas, em grupos de tres e quatro, na mais bizarra combinação de côres de pantalonas fôfas e de corpetes, todas envoltas em musselinas, sequins em torsaes pelos cabellos, n'uma indolencia preguiçosa e molle de meio dia, gazilam e excitam um pequeno passaro solto que vôa, aos gritos, raivoso, pulando de collo em collo, de hombro em hombro. Uma escrava, quasi adormecida, guarda nos labios o bocal de ambar de um tubo de narghilé; outra com os braços por baixo da cabeça, esticada em uma pelle de leopardo, coberta por um bournou arabe, canta, com a voz sumida, uma canção de serralho; uma pallida, de longos cabellos negros, de joelhos sobre um tamborete chora, beijando de quando em vez um crucifixo de marfim que ella segura fervorosamente com as mãos ambas.

O amir pára e chama: — Zahuri! O velho, sempre de cabeça baixa, approxima-se

arrastando os pés descalços. As mulheres sorprehendidas, voltam-se, caladas.

Guardam, porém, as mesmas attitudes branca lacrimosa e a que tem na bocca o fino tubo de ambar.

— Zahuri, esta mulher pertence-me, diz o amir, designando a moça dos longos cabellos negros.

Guardo-a commigo ha muitas luas; creio, porém, que á proporção que o meu amôr augmenta o seu despreso recrudesce. Ella tem outro amôr. Quero que lhe vejas o coração e a alma. Pede-me depois o premio que quizeres. Examina, Zahuri!

A moça, vendo o esfarrapado velho adiantar-se para o seu lado põe-se de pé de um salto mas, encontrando diante dos olhos as duas pupillas vermelhas do vidente prodigioso recúa espavorida, exclamando:

— Um Zahuri! Um Zahuri, meu Deus!

— Sim, affirma o chefe — um Zahuri. Já que não me quizeste dizer a verdade, embora eu, pela primeira vez, encostasse o

meu joelho em terra, já que não te venceu o carinho, a fina argucia da vista do Zahuri descobrirá, dentro do teu coração, o amôr que faz com que renegues o meu. E, voltando-se solennemente para o velho, ordena: — Vê!

Quasi de rojo o misero approxima-se da favorita, antes porém que elle lhe toque no corpo ella mesma, corajosamente, rebenta os alamares do collete, depois as perolas da camisa de sêda, põe a nú o collo albino e os peitos alvos, coroados por dois botões de rosa, nuncios da primavera sensualissima da carne e avança exclamando:

— Vê, Zahuri! Endemoninhado, vê!

E os seus pequeninos dedos nervosos desfazem a sêda, o ouro, a cachemira — veste lhe apenas as espaduas brancas o veu de filigrana ebenica dos cabellos.

As outras mulheres tremem de horror — menos a do tubo de ambar que dorme embriagada, apertando o bico dos peitos, mordendo os labios e soltando de vez em vez, suspiros d'entre sorrisos.

O velho calca a vista no peito da orgulhosa captiva e demora-se a examinar detidamente.

O amir não tira os olhos do seu rosto estudando-lhe as contracções.

— Então Zahuri?

— O coração, senhor. Vejo-lhe o coração...

— Não basta. Mergulha a tua vista, sonda; deve haver alguma cousa dentro.

— O Zahuri fixa de novo os olhos penetrantes e, depois de um longo exame, banhado em suor, ergue a cabeça e diz:

— O coração senhor...

— Que mais?

— Mais nada...

O amir carrega o sobr'olho e, desembainhando o yatagan de larga lamina, torna:

— Zahuri, attenta bem!

De novo o velho crava a vista no peito da donzella, detem-se mas, desanimado, affasta-se, meneiando a cabeça.

— Que viste?

— O coração, senhor. Sómente o coração...

— E a alma?

— A alma! — exclama o miseravel attonito. A alma!? não vemos, senhor. A alma é o Deus do corpo e o Deus não se vê. Nós, Zahuris, nunca vimos a alma... nenhum de nós, senhor. Se quizerdes, posso mostrar-vos as minas subterraneas onde o ouro refulge, posso dizer-vos o que se passa em Ataïr, a estrella gemea do sol... mas a alma! Nós, Zahuris, não podemos vêr. Nós não vemos a alma.

— Mas... eu ordeno. Vê! E escolhe — a fortuna ou... e o yatagan de larga lamina chispa como um corisco.

Calmo conserva-se o velho e sem resposta. Com os dedos tremulos abre os farrapos da camisa, tira o albornoz dos hombros, junta as mãos, ergue os olhos e curvo, balbuciando, arrastando os pés, encaminha-se para o amir.

— A alma não nos é dado vêr, senhor. Nós, Zahuris, nunca vimos a alma. Não

posso ver. . . meus olhos não têm força. Feri! aqui me tendes. Feri!

Mas ficai certo,senhor, do que vos digo: — Zahuri algum viu jámais o Deus do corpo. Vê-se o coração como se vê a colmêa, mas as abelhas, as abelhas, amir, ninguem as vê... ellas trabalham mysteriosamente.

O chefe encara desconfiado o velho, aperta o yatagan nos dedos e apontando a sahida expulsa-o com um gesto.

— Seja o Senhor comvosço, amir, diz o Zahuri inclinando-se. Muito honroso seria para mim qualquer serviço que eu vos pudesse prestar mas. . . a alma nenhum Zahuri viu ainda.

Nós não podemos vêr a alma — é o mysterio do coração. E desapparece arrastando os pés incertos.

N'este instante a moça avançando para o amir, diz arrogantemente:

— Amir, nem mesmo que a vista dos Zahuris pudesse descobrir o segredo mais intimo do meu coração minh'alma, esse que d'aqui sahiu, nunca descobriria.

— E porque? — pergunta furioso o chefe.

— Porque está longe, com outra alma, no coração do que eu amo. Alli!

E correndo a cortina da tenda mostra Granada ao longe, clara de sol, rutilante de côres, com os minaretes das mesquitas relampejando á luz.

O BAPTISMO

Espinhos das asperas montanhas, tojos e penedias dos caminhos virgens iam-lhes tomando aos poucos os vestidos. Quasi nús, os pés em sangue, os cabellos crescidos, ora dormindo á plena luz das candidas estrellas, nos altos cimos frios, ora invadindo as cavernas molhadas — ella encolhida, a rezar, no fundo do abrigo escuro elle, de ronda fóra, escutando os rumores da floresta e os farfalhos das folhas, na espectativa sempre de uma lucta bravia com a féra, dona e senhora da humida caverna.

Andavam errantes, fugindo á vingança de um fidalgo austero — simplesmente por que ella era a primogenita do nobre e elle apenas trovador.

Fugiam porque os corações peccaram, amando-se.

O que lhes dava algum allivio nas horas de maior tristeza era o sorriso da creança que, ora a mãe levava ao collo, junto ao seio, ora o pai acariciava muito apertada ao coração.

N'essa jornada amorosa atravez dos desertos não batidos viviam como barbaros — nutrindo-se de fructos, menos a creancinha, para essa havia sempre leite.

✡

Uma noite, parando n'um árido e esteril monte, nú e secco, a mãe desventurada notou que o filho estremecia. Um presentimento tragico agitou-a:

— Depressa, Alcindor... Depressa! Agua! Agua! meu amor, que o pequenino morre!

— Agua! — exclamou o trovador, correndo olhares anciosos por todo o monte calvo.

— Sim! Depressa! Depressa... para baptisal-o!

A creancinha agonisava á luz dos cirios pallidos do ceu.

Alcindor desceu o mónte aos saltos e ganhou a floresta da aba, em demanda de um rio ou de uma fonte onde apanhasse um poucochinho d'agua.

Pobre Alcindor!

Não havia na floresta um veio! Em toda a redondeza nem signal de arroio!

Meia hora depois o trovador errante voltou com uma folha verde, vagaroso, passo a passo, para não perder o precioso achado:

— Edwiges, aqui tens, Toda a agua que encontrei na selva: — duas gottas de orvalho n'uma folha...

— E' tarde, Alcindor... o pequenino foi-se!

— Sem baptismo! pagão!?

— Descansa! baptisei-o. Tu não achaste fonte na floresta, eu achei-a bem perto. Olha, molhei-o todo.

— E onde descobriste a fonte, amor? No coração: — baptisei-o com lagrimas.

O MINEIRO

Trilhando a estrada humida, atravez dos campos silenciosos, vai a caminho da furna o trabalhador das minas. A neve polvilha-lhe a cabeça, o vento regeladissimo do inverno crispa-lhe as carnes e elle canta e activa os passos, cada vez mais apressado, julgando a todo o instante ouvir a sineta chamando ao ponto os operarios.

Homens da lavoura passam por elle calmos, tranquillos, embrulhados em gabões pesados; meninos de pastorejo, bocejando alto, olham-n'o e seguem indifferentes, entre pequenas ovelhas friorentas.

A' volta de um caminho cerrado, dando de chôfre em pleno campo, o mineiro

levanta os olhos — lá está diante, sinistramente negra, a casa das machinas, apinhada de gente, como uma colmeia humana.

Chega esbaforido e apresenta-se ao chefe da turma para que lhe registre o nome. Da porta lança um derradeiro olhar para o dia que nasce, aspira a plenos pulmões o ar purissimo da madrugada e, ao tinir da sineta, corre e entra na jaula que o deve deixar no abysmo tenebroso onde o carvão germina.

Em baixo, na humidade escura, salta, vê fugir o elevador como um esquife vasio e vai pelas galerias a dentro até o ponto onde os wagons estacionam e as picaretas, encostadas no silex, esperam pelo braço dos trabalhadores.

Treva cahotica — apenas a claridade da lampada risca um raio de ouro nas paredes da crypta.

O homem curva-se, levanta a picareta e cava, ouvindo o assobio do *grisou* e o rangido dos carros que vão e vem empurrados pelos apanhadores.

Cantarola, trabalha e, á luz que lhe escorre da lampada, presa á cabeça, o mineiro enterrado descobre o veio occulto e cava-o, fal-o saltar á flôr da terra; cava de novo e sempre até a hora em que a sineta longinqua toca annunciando o fim do trabalho e a ascensão para a luz.

✲

Como os mineiros os poetas descem aos profundos abysmos do sentimento — vão ao coração descobrir o veio luminoso dos amôres castos, entram n'alma e extrahem-lhe os segredos das paixões sagradas, visitam todas as dôres e todos os sorrisos, colhem o beijo e a lagrima; descem aos coraes do oceano e ascendem ao paraiso dentro da phantasia — extraordinario elevador do espirito — com esta lampada simples na cabeça — o genio.